

ÍNDICE

Fazer o bem sem olhar a quem, nem quando nem onde.

HEITOR LUZ FILHO

DESPERTA IRMÃO!

DITADO PELO ESPÍRITO
JOANNA DE ÂNGELIS

Rio de Janeiro 1977

Para esses haverá luz, flores, sorrisos, a música das esferas, as cambiantes dos planos superiores, o encontro com os Anjos do Senhor nas grandes catedrais do Infinito porque, havendo conhecido a Verdade, terão encontrado o Caminho e a Vida na senda da libertação!

F I M



Visite nossos blogs:

<http://www.manuloureiro.blogspot.com/>

<http://www.livros-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesdeepoca-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesobrenaturais-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.loureiromania.blogspot.com/>

* * *

Atentai, porém, irmãos, para os tempos que se aproximam. Dores e sofrimentos acumulam-se para recair sobre os que não atenderem ao chamado do Mestre.

Desenganos e ilusões atingirão os espíritos grimpados na vaidade e no orgulho, quando sentirem que, por terem sido grandes na Terra, serão os menores no Reino de Deus.

Lágrimas descerão pelo sulco das faces dos que, arrependidos de seus erros, terão de repetir, nas experiências da carne, quem sabe em mundos inferiores, as lições que não aproveitaram no aprendizado da Terra.

Angústias e ansiedades oprimirão os corações dos que, propositadamente, por ambição e cupidez, deixarem escoar-se as oportunidades de aliviar as dores e as penas alheias.

Mas, haverá, também, o coro dos felizes e bem-aventurados: dos que, havendo sido pobres de espírito, guardaram dentro de si a pureza das criancinhas; dos que havendo passado a vida em aflições, souberam suportar, com resignação e humildade, penas, desenganos, ingratidões e sofrimentos; dos que, havendo sofrido perseguição e injustiças por causa do Cristo, todavia, não desertaram das fileiras do Mestre e padeceram e se martirizaram sob o peso da própria cruz; dos que, possuindo muitos haveres, abandonaram os seus bens para seguir empós o Cristo, indo e pregando, não raras vezes, tombando, por amor à Verdade, na arena manchada com o sangue dos justos; dos que, havendo sofrido fome e sede, alimentaram o corpo e o espírito com as palavras do Mestre e delas fizeram a substância do seu ser; dos que, havendo sido caluniados, difamados e injuriados, se revestiram com o manto do perdão e aureolaram-se com a luz do amor ao próximo; dos que, havendo nascido de novo, emergiram o espírito do batismo das dores, da compreensão e do entendimento e purificaram-se nas águas lustrais da fé, da esperança e da caridade.

Para esses, meus irmãos, não haverá Juízo Final, nem lhes tocarão as trevas das transformações terrenas no limiar dos novos tempos.

Palavras Ao MédiuM

CONFESSO que foi com certo receio que recebi a incumbência de ditar, por teu intermédio, um livrinho doutrinário.

Sabia-te médiuM inexperiente e, ainda, infelizmente, preso a muitas exigências materiais. Todavia, logo aos primeiros contatos, percebi que possuías, em ti, um imenso tesouro que jazia soterrado nas dobras de teu inconsciente: a grande vontade de servir o Mestre, a seriedade com que levas a termo a tua tarefa espiritual naquele cenáculo de amor que é a Casa do Rosário.

Havia, pois, um filão a ser explorado, oculto em meio à ganga das imperfeições. E o que fiz foi como o garimpeiro que procura, na bateia, as gemas com o espírito alvoroçado pela esperança de encontrar, finalmente, nas impurezas, a pedra de mil quilates que haverá de faiscar com a luminosidade do sol.

Felizmente, meu irmão, em que pese as dificuldades da inexperiência e de fatos de ordem material e espiritual que, de vez em quando, vinham perturbar-te a tranqüilidade, consegui, para minha efusiva alegria, as melhores gemas do meu garimpo.

Quero, pois, agradecer-te, meu irmão, pela compreensão, pelo amor, pela dedicação com que te houveste em nosso primeiro trabalho exclusivo, proporcionando-me o ensejo de, por novo, embora obscuro instrumento ainda, trazer novas mensagens de paz e de amor para os homens, na tentativa de acordar o Cristo nos espíritos e nos corações.

Mais uma vez, pois, meu irmão, o meu agradecimento sincero, na certeza de que novas oportunidades surgirão para continuarmos na seara da luz.

JOANNA DE ÂNGELIS

J O A N N A D E A N G E L I S

COM o nome de Joana Angélica de Jesus, nasceu na cidade do Salvador aos 11 de dezembro de 1761. Ingressou, com 21 anos de idade, no Convento da Lapa, onde fez profissão de fé como irmã das Religiosas Reformadas de Nossa Senhora da Conceição. Em 1815, aos 54 anos de idade, atingiu a posição de Abadessa em virtude de seus incontáveis méritos religiosos. Movida por profunda fé, defendeu com estoicismo o Convento durante as lutas da independência do Brasil. No dia 20 de fevereiro de 1822, demonstrando grande desprendimento pela vida material, foi, vilmente, assassinada ao tentar impedir a invasão do Convento. Postando-se, corajosamente, à porta, enfrentou o soldado que a ameaçava e que, afinal, a trespassou com a baioneta, proferindo as seguintes palavras:

— Esta passagem está guardada pelo meu peito e não passareis senão por sobre o cadáver de uma mulher!

No mundo espiritual, ingressou nas fileiras dos espíritos que se propuseram difundir a doutrina espírita, passando a ditar obras mediúnicas do mais elevado teor doutrinário e filosófico. Suas mensagens caracterizam-se por intensa poesia e acendrado lirismo, a par de um estilo que a destaca entre os mais categorizados mensageiros do Cristo.

Sua obra, ditada sob o pseudônimo de Joanna de Ângelis através de vários médiuns, notadamente de Divaldo P. Franco, reveste-se de grande importância para o engrandecimento do espírito humano. Constitui-se, mesmo, em um marco na literatura mediúnica, onde reponta como autêntico relicário de Amor.

Cumpra, ainda, que superes todas as dificuldades, que te libertes das forças inferiores que te arrastam para o abismo, que destruas a roupagem densa que envolve de frangalhos o teu corpo espiritual.

Faze-o com fé, com pertinácia, com humildade e com o desejo supremo de ir ao encontro do Cristo.

Ele te espera, com o coração cheio de Amor, mesmo que em tua escalada te demores por muitos milênios. . .

33

A P O T E O S E

ESMERAM-SE as religiões cristãs, cada qual a seu modo, em traçar, em negras pinceladas, o quadro apocalíptico do Juízo Final. Em cores soturnas procuram fixar, na memória dos adeptos, cenas dantescas de destruição e ruínas.

Alertam as almas para a gravidade do julgamento final em que o Senhor, como um juiz tirânico, haverá de precipitar, para todo o sempre, nas chamas do inferno, os que se deixarem dominar pelo pecado mortal.

Ingenuamente, porém, não dão contas, pastores e sacerdotes, de que, se o Senhor assim o fizer com seus súditos e filhos perdidos pela ignorância e pelas artes do demônio, estará dando o espetáculo da vitória do Mal sobre o Bem, da derrota diante de Satanás, eis que maior será a quota de Belzebu em almas perdidas.

O ranger de dentes superará as melodias divinas das sinfonias celestiais.

Por fim, condenada a maioria do rebanho, haverá o Senhor de recolher-se, cabisbaixo e humilhado, enquanto delírio e festas inundarão o Reino das Sombras. E o Cristo, decorridos os dois mil anos de Seu sacrifício para salvar o homem, haverá de amargar, pelo tempo infinito, a inutilidade de Seu Evangelho. . .

mas, por mais grave, os resíduos calcinantes dos fastos dolorosos de vidas pregressas.

Encontras-te, portanto, nos dias que correm, por mais que procures te libertar das nódoas do passado, imerso nos fluidos densos que aderiram ao teu perispírito ainda no processo de tua reencarnação.

* * *

SE O TEU CORPO material não traz os defeitos de falhas hereditárias e o teu físico impressiona pela beleza dos traços e das formas, pensa que há muito jarro de preciosa e linda porcelana esculpida por mãos de exímios artistas, mas que nem sempre contém o vinho mais generoso.. .

* * *

AO LANÇARES, nos raros momentos de paz, um olhar introspectivo, poderás ver, no espelho de tua consciência, que nem sempre reflete uma imagem polida, porém ranhuras que distorcem as paisagens de tua alma.

* * *

AO ERGUERES os olhos para o céu em busca do Infinito, para nele te integrares no vôo da libertação, nem sempre vês as lúcidas estrelas ou o rastro luminoso dos anjos na revoada do Amor; mas, é quase certo que teu olhar se perderá nas lonjuras noturnas porque, para se ver e sentir a luz do céu, mesmo nas noites trevosas, necessário que se tenha iluminação interior.

Assim, pois, se ainda te encontras sentindo a dor dos espinheiros; se de teu interior não evoluem os perfumes das flores do espírito; se do espelho de tua consciência não se refletem os panoramas tranquilos das grandes campinas; se, quando procuras no meio da noite as estrelas, invisíveis ao teu olhar, vês as manchas dos corpos sem luz; se, quando te debruças para a meditação não encontras a estrada livre para os teus pensamentos, mas os tortuosos caminhos das imagens descontroladas e te perdes no torvelinho das idéias, é porque não estás, ainda, preparado para subires à Montanha e te quedas, exausto, no meio da planície sombria.

PROÊMIO

SEI da responsabilidade que envolve o livro espírita no lapidar as arestas da alma humana mediante mensagens mediúnicas, nem sempre entendidas como a voz dos que já partiram.

A desconfiança, ao lado da má-fé, traz para o médium o labéu da mistificação e da intrujice, como se a ele aproveitasse o locupletamento de bens alheios. É por isso que ditar um livro, subscrevê-lo, servindo-se do instrumental mediúnico, traz para nós, Espíritos que temos plena consciência de nossa missão, a alta responsabilidade de preservar, tanto quanto possível, a inteireza moral do médium, como simples escriba de nossas idéias e pensamentos, embora prevaleçam, ainda, nesse mundo, o rumor da ignorância, as vozes da incredulidade e, por pior, as trevas da maldade e dos interesses mesquinhos e secundários.

Os livros por mim ditados estão aí, com a graça de Deus, a espalhar as luzes da Verdade e a vibrar nos corações bem formados. E, se hoje merecem o crédito que lhes dá o povo mais esclarecido nas luzes do Evangelho, todavia, muitas dúvidas suscitaram, de começo, e tantas amarguras semearam no coração humilde de quem, surgindo de sua obscuridade, se projeta, agora, com a mesma humildade, como intérprete insuspeito dos que, não mais vivendo na Terra, entretanto, não morreram no Espírito.¹

E, agora, sou solicitado por Emmanuel, que já prefaciou duas obras desse novo médium, para subscrever o Proêmio desse novo livro que traz, como divino escrínio, os tesouros de luz do Evangelho, nas palavras doces e ternas de Joanna de Ângelis. Que poderei dizer, senão que as páginas, que agora se abrem, são como os raios do sol que iluminam e vivificam e que fazem germinar as sementes lançadas na terra fértil?

Trazem o calor que rejuvenesce as almas combalidas e as claridades que espancam as trevas dos caminhos.

¹ O autor espiritual refere-se ao médium Chico Xavier.

São como a fonte cristalina que dessedenta o viandante cansado; como a sombra que refresca o viajor exausto; como o abrigo que resguarda o peregrino das intempéries; como o pão que alimenta o faminto; como a luz que deslumbra os egressos da cegueira.

Joanna de Ângelis é o Espírito que nos encanta pela bondade e pela ternura e que nos ergue aos planos mais elevados da espiritualidade om as vibrações de seu coração, que refletem a harmonia haurida na fonte amorosa do Cristo.

Este livro é, portanto, outro relicário de amor onde reluzem as gemas espirituais que o Cristo ofereceu aos homens na Boa Nova, como o tesouro do céu para a Vida Eterna.

ANDRÉ LUIZ

Há, pois, dentro de cada um, uma bússola — o subconsciente — a apontar os rumos da jornada terrena, rumos que serão seguidos conforme o conhecimento e a experiência. Mas há, também, nessa viagem pelo mundo, para maior segurança do navegante ou do viajante, quando a bússola for desviada por atrações negativas, a iluminar os mares e as estradas, para evitar o naufrágio entre os abrolhos e as quedas nos despenhadeiros, a luz do Evangelho a vasculhar as noites como o farol no cimo das penedias ou como as estrelas no roteiro dos céus.

O Evangelho é como a carta do navegante: mostra os rumos, aponta as correntes, assinala os rochedos, determina a rota. E o livre arbítrio é como a bússola cuja agulha gira para um e outro lado à procura do porto seguro; se, todavia, se lhe antepõe uma atração contrária, pode o espírito, como o comandante desavisado, arremeter-se por entre os vagalhões da vida material. Só verá, então, a bonança e a luz do sol e só sentirá a calma das brisas, quando houver aprendido que só as lições do Cristo, como Supremo Comandante, lançadas nas páginas do Evangelho, marcam os rumos definitivos.

Quando o espírito estiver fatigado dos milenares naufrágios, a tiritar de frio, de fome e de sede, perdido no alto dos penhascos, ouvirá, finalmente, dentro de si, saindo de suas fibras interiores, o brado de esperança como o grito do marinheiro assustado na cesta da gávea:

— Terra à vista!

32

N E M S E M P R E

NOS MOMENTOS em que te debruças para meditação, quase sempre te encontras envolto pelas ondas de vibrações inferiores, que acompanham os teus passos na jornada terrena.

Por melhor que faças, dia por dia, noite após noite, espesso é o espinheiro que flagela as tuas carnes, porque trazes, dentro de ti, não apenas os acendrados e acúleos espinhos da vida atual,

31-Terra À Vista!

COMO o navegante que singra os mares, ora enfrentando as tempestades, ora navegando em calmaria, também, o espírito envolto pela matéria percorre os caminhos do mundo, ora perseguido pela tormenta, ora em tranqüilas paisagens.

Nessa peregrinação, em que tateia como cego, tem a guiar-lhe os passos, apenas, o livre arbítrio, muita vez, dirigido e orientado pelo subconsciente que lhe dita, como em segredo, por idéias e intuições, os rumos a seguir e as atitudes que tem a tomar.

Surgem vozes interiores que lhe apontam o roteiro e a solução; idéias e pensamentos nascem, como o explodir de sementes na terra fértil, a indicar-lhe o caminho, a conduta e a decisão.

Muitas vezes, porém, idéias e pensamentos vêm de vozes que surgem das trevas interiores, como o ribombar dos trovões em noites tempestuosas.

Revela-se, então, o espírito pelas vozes do subconsciente, na autenticidade de suas vivências passadas, como carente de qualidades morais. Envereda pelos descaminhos das imperfeições, a repetir os erros do passado — tal como o navegante que, com a bússola quebrada, arremete o navio, em meio às borrascas, pelas penedias e arrecifes. . .

Outras vezes, no entanto, como o capitão de longo curso, avisado e prudente, que tomou das experiências passadas as lições para o futuro, vê-se o espírito, no meio da viagem, imune aos tornados e aos ciclones. E caminha por entre espinhos em estradas ásperas e íngremes, com um sorriso confiante, a aspirar o perfume das flores que desabrocham, cultivadas em terras férteis e que ascendem à sua mente nos impulsos do subconsciente.

Em ambos os casos o que se revela é a presença de uma força interior a guiar e a orientar os passos do espírito reencarnado, conforme as suas qualidades e o seu grau de aperfeiçoamento, adquiridos na sucessão das vidas físicas.

ÍNDICE

Pág.		
1	—	Desperta, Irmão! 7
2	—	O Caminho, A Verdade E A Vida 8
3	—	Sabedoria E Amor 9
4	—	Agradece Ao Senhor..... 10
5	—	Luz Do Novo Sol 12
6	—	O Homem E O Pássaro..... 12
7	—	Não Esperes 13
8	—	Olha Para O Alto 14
9	—	Os Senhores do Mundo 15
10	—	Baú Velho 18
11	—	Que Fizemos? 21
12	—	Não É Fácil Sorrir 23
13	—	Desfile De Sombras..... 25
14	—	Se O Homem Compreendesse 27
15	—	Resta Uma Esperança 30
16	—	Por Quê? 32
17	—	A Escola 34
18	—	Exemplo Maior 37
19	—	Medita E Compreende 39
20	—	A Longa Travessia 42
21	—	O Convite Do Mestre 45
22	—	A Grande Luta 47
23	—	Ausência do Cristo 49
24	—	Luz E Sinfonia 51
25	—	Vitória do Espírito 53
26	—	A Procura 55
27	—	Quantos? 59
28	—	Feliz Ano Novo 59
29	—	As Três Moedas60
30	—	A Pausa.....64
31	—	Terra À Vista65
32	—	Nem Sempre67
33	—	Apoteose69

1

DESPERTA, IRMÃO!

SANGRAM-TE os pés na dolorosa experiência humana enquanto caminhas na estrada da evolução;

Distila lágrimas de amargura o teu coração combalido pelas dores dos desenganos; Sofres no silêncio do teu recolhimento os desesperos causados pela ausência da fé; E tombas, como o Mestre, não sete vezes, mas milhares de vezes na extensa e pedregosa jornada de tuas existências seculares porque, sob o peso dos erros e das faltas, não percebes, além de teus passos, que os beirais dos precipícios e dos abismos te aguardam como fauces hiantes para a tua destruição.

E, se não percebes, em tua cegueira, as ciladas e as armadilhas, que se armam nas veredas de tua peregrinação, como podes ouvir a voz do Senhor que te chama para a Sua Mansão, como o pai que recebe, com lágrimas de amor, o filho pródigo que volta sem o prato de lentilhas?

Como podes ouvir a música celestial que vem das esferas, como clarinadas de luz, a anunciar a nova aurora do mundo, que se refaz para a chegada do Reino do Senhor?

Desperta, irmão, de tua milenar sonolência e foge das trevas que te envolvem para o mergulho na luz que vem do Pai!

Abre os teus olhos e o teu coração e inunda o teu espírito com as vibrações da madrugada que surge e embriaga-te com a força que vem do interior do novo sol, para que possas, enfim, vestir a túnica sutil e sentar, junto com o Mestre, à direita do Pai, quando se realizarem as Bodas do Espírito na festa nupcial de tua libertação!

2

A cada momento o noticiário da imprensa e da televisão, em letras e vozes pletóricas, faz com que a insegurança, o medo e a descrença perturbem os espíritos já em sobressaltos pelos problemas cotidianos da subsistência.

E, assim, se sucedem as horas e os dias nesse mundo de angústia e desesperos em que o homem passa, na vida transitória, com o coração vazio de fé, a mente conturbada pelos problemas insolúveis e o espírito amargurado pela ausência de perspectivas.

Não há instantes em que a paz, no sentido cristão, envolva os que, na sua dolorosa peregrinação, se encontram no resgate de culpas milenárias.

Há, sim, às vezes, aquilo que podemos chamar de "pausa" na escala dos sofrimentos; pausa que se faz, todavia, necessária não só para haurir forças e energia para os novos embates dos minutos seguintes, como para que o espírito, voltando-se para dentro de si, encontre, quem sabe, o caminho que o levará à compreensão do Cristo.

Mas, quantas vezes, nesses minutos consegue o homem penetrar em sua própria consciência e nela entrever uma fresta de luz, que o guiará no caminho de trevas que vem percorrendo? A maioria, nos pequenos silêncios interiores, ao invés de paz, encontra a revolta; ao invés de compreensão, enleia-se no torvelinho da descrença; ao invés do amor, acirra os ódios e arquiteta a vingança; ao invés do perdão, vibra as suas emoções nos reclamos dos sentimentos primitivos.

E se o homem, nesses estágios e nesses interstícios da dor que o Pai lhe concede, não se encontra a si mesmo, não descobre a fórmula da reforma interior, não repele as sombras que o envolvem, como pode livrar-se da angústia e do desespero e não encontrar, no seu próprio comportamento, as raízes das tragédias coletivas, que se amiúdam a cada dia, num processo de aceleração da reforma moral e espiritual do planeta?

Necessário, pois, o luto comum, as aflições, para que o homem, na sua destinação espiritual, possa, por fim, encontrar o Cristo dentro de si, na luz e nos ensinamentos do Evangelho!

O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA

SE NÃO ENCONTRAS no teu caminho de dor o arrimo do bordão nos braços de teu companheiro de provas, não te deixes fraquejar nem te revoltes pelo desamparo; procura, dentro de ti, as forças de que necessitas para a caminhada, voltando o teu pensamento para o Cristo porque Ele, que é o Caminho, a Verdade e a Vida, acenderá, em teu espírito e em teu corpo, as energias que te vitalizarão a alma e a luz que te iluminará os passos indecisos.

A jornada terrena, mesmo quando a saúde física nos assegura a fortaleza do corpo, não é um passeio por jardins floridos, mas uma peregrinação em caminhos de trevas na busca incessante da luz.

Assim, pois, se através dos séculos ou dos milênios em que te arrastas na procura da paz, contínuas claudicando, sem o bordão que te ampare os passos fatigados, lembra-te de que só a ti debes as dores e as chagas, porque preferiste, sempre, as veredas de espinhos, os atalhos escuros e pedregosos, aos caminhos retos e suaves.

E, por isso, não chores nem te revoltes; antes, volta o teu pensamento para o Alto e pede ao Mestre, que te ausculta mesmo em silêncio, que faça germinar, em teu coração, a semente do Amor, para que a paz e a luz marquem os teus passos na caminhada final da redenção.

3

SABEDORIA E AMOR

NECESSÁRIO que, nos caminhos que delineiam o roteiro da libertação espiritual da humanidade, se encontre, por marcos deixados pelo Cristo, mediante as lições do Evangelho, o exemplo de Sua Sabedoria e de Seu Amor.

Sabedoria para que, mediante o conhecimento e a compreensão, possa o homem integrar-se na essência de Deus.

Sabedoria para que, pela responsabilidade e pela consciência liberta das superstições e das crendices, possa alçar-se aos planos sutis onde a Luz do Cristo resplende como o Sol Cósmico.

Amor para que, mediante a Caridade, possa irmanar-se com os que sofrem, mitigando-lhes a dor, que recebem por burilamento do espírito.

Amor para que, pela humildade, possa sentir dentro de si, a refrescar-lhe a alma, o orvalho de luz que emana do Alto como bênção divina em cintilações de paz.

Necessário, pois, que, nas estradas da jornada terrena, onde a humanidade peregrina em busca de seu aperfeiçoamento moral e espiritual, sejam os espinhos transformados em flores e os abismos em bosques verdejantes, sem o que a longa caminhada dos espíritos será, sempre, um desfile de precitos sob as algemas das culpas milenárias.

Eis por que estamos, sempre, a trazer nossa palavra de fé, de ânimo e confiança, para que, nos corações desesperados, se plante a semente da esperança, que haverá, um dia, de germinar e desabrochar em flores e frutos para o perfume e o alimento das almas fatigadas.

4

A G R A D E C E A O S E N H O R !

ESTÁ CHEGANDO o tempo das vindimas e continua vazio o teu cesto da colheita.

Como queres ofertar ao Senhor os frutos da Sua Lavoura se, por ocioso, abandonaste a sementeira pelos prazeres do mundo?

multiplicadas ao infinito, as moedas que hajam dado aos mendigos e estropiados.

E, retirando-se do meio do povo que o ouvia espantado a dizer aquelas coisas, acrescentou:

— Não farei o milagre que me pedes, para que não se perca, nas trevas e no ranger de dentes, uma ovelha do Rebanho do Senhor. Fica com as tuas moedas, homem ambicioso e ímpio; e, logo que puderes, se não te forem de grande valia, dá-las às três mulheres que irás encontrar em teu caminho quando retornares à casa, porque, então, serás, mais tarde, creditado em teus haveres quando houveres de deixar esse mundo.

Aquele que dá aos pobres empresta a Deus!

E saiu, silencioso, circunvagando o olhar triste pelos arredores.

Pressentia o Mestre que estava chegando a hora de retornar à Casa do Pai e, todavia, os homens ainda não o haviam entendido. Por isso muita lágrima e muita dor haveriam de abrir chagas no corpo e no espírito da humanidade.

* * *

Esse relato não consta dos Evangelhos, mas é dito, à boca pequena, aqui no meu plano, quando irmãos contadores de histórias, se ajuntam à sombra das árvores e ao pé das fontes cristalinas para gozarem da paz sublime dos que, transformados em seu íntimo, aguardam novas forças para prosseguirem na jornada infinita da evolução.

30

A P A U S A

A CADA minuto o impacto de desencarnações coletivas invade os lares trazendo aos corações a mágoa de sofrimentos e de dores insuspeitos.

A cada instante a notícia de tragédias penetra nos espíritos desavisados e cobre-lhes de luto os corações incrédulos.

O coração do homem requeimava de ambição e os olhos se lhe apertavam na egoística expectativa de que, de repente, as três moedas se fossem transformando em montanhas de ouro.

Todavia, acercando-se mais do publicano, indagou-lhe Jesus:

— Para que desejas tanto ouro se nem tu nem as centenas de alimárias poderíeis carregar? Certamente tantas moedas ficariam espalhadas e os ladrões não te permitiriam retirá-las para tua satisfação!

— Não te incomodes com isso, Rabino — replicou o avaro. — Saberei como montar guarda a esse tesouro, nem que precise requisitar os soldados e enviar os ladrões para a prisão ou mandar matá-los.

Jesus, que conhecia a imensa cobiça do publicano e que sabia, efetivamente, do que seria capaz, voltando-se para os presentes que apreciavam aquela cena, declarou:

— Vêde todos o que me pede esse homem? Os que testemunharam os meus milagres poderão atestar do que sou capaz; porém, o que me pede esse publicano, confesso que não o poderei fazer!

— Como? — exclamaram, espantados, os circunstantes que não duvidavam das virtudes do Mestre. — Como, se deste vida a Lázaro, se fizeste enxergar o cego, se curaste as chagas do leproso, se expulsaste os demônios do corpo e os transferiste para os porcos?

O Mestre sorriu e, com o olhar meigo, cheio de compreensão, retrucou:

— Bem vejo que ainda não compreendestes a minha missão. Sou o Enviado do Pai para dar o testemunho de que o Seu Reino não é deste mundo e que não devemos cuidar dos tesouros da terra, mas do tesouro do céu; porque aqueles que só se preocupam com a sua ambição, com o seu egoísmo, com a sua vaidade e o seu orgulho, esses não terão a vida eterna junto de meu Pai antes que os séculos transcorram; mas aqueles que, ao invés de pedirem a multiplicação de suas moedas de ouro para servirem aos seus desejos, as derem aos que necessitam de pão, de abrigo e de vestimenta, esses ficarão pobres na Terra mas serão os ricos na Casa de meu Pai e lá encontrarão,

Ouvem-se os cânticos dos vinhateiros que retornam do labor, a alma em festa, porque, no plantio, todos se uniram para a messe da Caridade.

E tu, por que não te agregas aos que madrugam na herdade do Mestre para as primeiras sementeiras, fazendo jus ao teu salário?

E, se depois vieres reclamar que ainda não foste pago na mesma proporção, lembra-te de que o Senhor a todos chamou nos primeiros albos da madrugada e que tu, apenas, ficaste à margem à espera de que outros fizessem a tua parte.

Assim, pois, no pagamento da jornada, pouco ou nada terás a receber, porque o teu salário tu já o recebeste na fruição dos bens materiais, dos gozos terrenos e no desperdício das horas. . .

Entretanto, se ainda te arrependeres, o Pai, como o Senhor solícito, ainda te concederá uma área de terra para que a cultives, semeies e produzas, com o teu próprio instrumento, sem o auxílio de ninguém, porque a ninguém auxiliaste quando, cansados, imploravam a tua ajuda.

E se o pedaço de terra que te for dado não for fértil e houver muitas pedras e espinhos, conforma-te com a doação porque foi a que sobrou depois das primeiras ofertas.

Se o cultivo, de conseguinte, for árduo e o suor inundar o teu rosto e o sangue escorrer de tuas mãos e de teus pés feridos nas pedras e nos espinhos, não te revoltes, mas agradece ao Senhor por haver, ainda, atendido ao teu apelo dando-te nova oportunidade para que possas, enfim, como os demais, encher o teu cesto com a colheita da vindima para ofertá-la ao Pai com a rega de tuas lágrimas e de tua fé.

OUVE dentro de ti o rumor das vozes que despertam o teu espírito.

Não te assuste, porém, se elas falam, no fundo de tua consciência, dos erros que vens cometendo ou das faltas de vidas pretéritas.

Não são as vozes que te acusam ou te condenam, mas é o teu próprio despertar que vem trazer-te a luz de um novo sol, como as mãos do carcereiro que abre as grades de tua prisão.

Ouve aquelas vozes porque elas trazem, na aparente dissonância, a melodia que encherá a tua alma de sublimes sinfonias.

É que, havendo chegado o tempo de tua alforria, o Pai faz soar, no íntimo da consciência, as trombetas que anunciarão a marcha triunfal de tua liberdade e as vozes dos Anjos que te acompanharão no cortejo de luz.

6

O HOMEM E O PÁSSARO

HOMEM, põe-te na posição do pássaro preso na gaiola: sem poder rufiar as asas e cindir o espaço na vertigem da liberdade, limita-se, estonteado, a bater-se nas estreitas paredes por onde se filtra a longínqua luz do sol; canta, em virações belíssimas, sonoras melodias; mas, o que parece alegria, vibra dentro de si com a tristeza dos condenados sem culpa.

Põe-te na condição de pássaro engaiolado enquanto remanesces na matéria, sem que possas rufiar as asas de teu espírito para cindir o espaço cósmico na viagem de tua liberdade.

Ao contrário do pássaro, porém, que só pode ser livre se alguma piedosa mão lhe abrir a porta da gaiola, tu podes conquistar a tua liberdade abrindo tu mesmo a porta de tua prisão. . .

mais uma vez, a página da folhinha para começar o dia dois de janeiro e não se ouvirem mais as vozes dos ébrios na sua cantoria estentórica:

— "FELIZ ANO NOVO!"...

29

A S T R Ê S M O E D A S

CONTA-SE, nas esferas da espiritualidade, uma passagem, não relatada pelos evangelistas, em que o Mestre, após realizar um dos costumeiros milagres de cura, foi abordado por um publicano que o desafiou a multiplicar três moedas de ouro.

Dizia-lhe o homem, com os olhos esgazeados pela ambição, mas com o coração cheio de dúvidas:

— Rabino, dizem que multiplicaste os pães e os peixes para mitigar a fome dos que te ouviam. Falam de inúmeras curas que operaste e até de haveres ressuscitado a Lázaro, fazendo-o levantar-se do túmulo. E, que, nas bodas, transformaste a água em vinho.. .

— Sim. . . — retrucou o Mestre — dizem de mim essas coisas porque as vêem pelos olhos do corpo; mas não relatam o que, pelos olhos do espírito, deveria ser visto em consequência desses milagres, eis que não colimam eles grandezas, nem prodígios materiais, mas mostrar ao homem incrédulo que se pode, também, operar a transformação da alma para que nela entre o Reino dos Céus.

Impaciente, atalhou o publicano mostrando ao Mestre três moedas de ouro que luziam na palma da mão:

— Pois se és tão poderoso assim que, apenas pela tua vontade, podes multiplicar as coisas e alterar-lhes a substância, desafio-te a que, também, multipliques essas três moedas, de tal sorte que centenas de alimárias não poderão carregá-las!

Quantos, decorridos os séculos e os milênios, ainda não acordaram das noites tempestuosas da alma para o sublime alvorecer do Espírito nas portas do Reino do Senhor?

Quantos?

28

FELIZ ANO NOVO...

FALTAM poucas horas para que se inicie, no calendário terrestre, uma nova etapa da história do homem; essa história que se vem desdobrando, por milênios, em capítulos de tristezas e de tragédias.

Nas páginas das folhinhas diz-se que o primeiro de janeiro é o dia da Fraternidade Universal.

Segundo a tradição, ao que parece, os povos em guerra entram em trégua, por horas, não para que a paz penetre e se consolide em seus corações, mas para que o sangue se coagule nos campos de batalha e alguns corpos sejam levados à vala comum.

Esfriam-se as armas, faz-se o silêncio no ar, mas nos espíritos continua o tumulto do ódio, da violência, da vingança.

Os momentos de calma exterior são, às vezes, aproveitados para que os planos bélicos sejam examinados e refeitos e — quem sabe? — substituídos por outros de resultados mais positivos, onde o sangue verterá em maior abundância e a luta se alastrará com mais pressa nas famílias destruídas.

Os minutos de calma, no período do dia da paz ou da fraternidade universal, são como os que antecedem as grandes tempestades.

Depois tudo será como antes.. .

Os homens abraçarão os cadáveres de seus irmãos e os espíritos, violentados na sua jornada de resgate, regressarão ao Espaço ouvindo, ainda, no meio das tormentas e das perturbações, o eco dos canhões e dos mísseis, quando se virar,

7

NÃO ESPERES...

NÃO ESPERES que o enfermo te suplique o remédio para a sua cura; vai ao seu encontro, onde estiver, e prodigaliza-lhe, como bálsamo para as suas chagas, as irradiações de tua humildade e de teu amor.

Não aguardes que o faminto bata à tua porta para implorar um prato de comida; vai ao seu encontro e alimenta-o com o teu amor para que se nutra o seu corpo e o seu espírito com o pão divino da mesa do Senhor.

Não esperes que o desabrigado te suplique a esmola de um teto para proteger-se da intempérie; procura-o, em meio às suas ruínas, e minimiza os seus sofrimentos aquecendo-o com o calor de teu coração, que servirá como o teto do templo do Senhor para os que caminham nas estradas tortuosas das encarnações doridas.

Não fiques à espera de que o nu venha pedir-te o agasalho com que se proteja do frio durante a longa escalada de seu calvário; adianta-te à súplica e envolve-o com a túnica de teu amor, protegendo-o contra os ventos e contra as chuvas na peregrinação da dor, para que um dia, quando surgir a alvorada em clarinadas de luz, possas olhar de frente para o Mestre em sua nova vinda em Espírito e Verdade e ouvir, de Sua boca, o agradecimento divino e o convite para a Nova Morada:

— Vem, filho, senta-te à direita no trono do Pai, porque tudo o que fizeste ao enfermo, ao faminto, ao desabrigado e ao nu, foi a mim que o fizeste!

É teu, pois, o Reino do Céu!

8

OLHA PARA O ALTO

OLHA PARA O ALTO, irmão, e vê as estrelas que cintilam no fundo da noite; se, às vezes, elas lembram as lágrimas dos homens na sua jornada de dor, também mostram, no entreabrir das pálpebras, que a Luz Divina nos aguarda a todos, quando tivermos superado as nossas ilusões.

As estrelas são as frestas do céu a mostrar-nos que, na Mansão do Senhor, a luz é infinita como infinito é o Amor do Pai, por suas criaturas, aguardando-nos a todos para a Festa da Eternidade.

* * *

Ergue, portanto, o teu olhar para o Alto, mesmo que estejas envolto em tormentas e tempestades interiores e fazes como o navegante que, em noites escuras, se guia pelas estrelas no roteiro das águas intranquilas, certo de que, mais além, achará a bonança e o porto seguro, ao abrigo dos ventos e do naufrágio.

Ergue o teu olhar para o Alto, irmão — é lá em cima, junto com o Espírito do Cristo, que irás encontrar consolo para as tuas mágoas, conforto para as tuas amarguras, paz para o teu espírito sofrido.

É lá que irás encontrar a ternura e o calor do Pai para agasalhar-te das tempestades da jornada íngreme e o bálsamo para as feridas de tuas peregrinações.

9

OS SENHORES DO MUNDO

NO CONCERTO da vida muitos há que não percebem os percalços na caminhada longa e áspera; seguem, adiante, rompendo todos os obstáculos que se antepõem aos passos decididos, em busca da realização de seus desejos.

Mais prudente para ti que te envolvas somente com os teus negócios e deles afixas os maiores e injustos ganhos, que te preocupares e assumires os riscos com as dificuldades dos que, pelo trabalho, concorrem para a tua fortuna.

Sentes que, sendo melhor que os outros, por estirpe, por fortuna, por inteligência, por educação, não te deves preocupar com os que, privados de teus privilégios, se arrastam pelas ruas, peregrinam pelas estradas, dormem ao relento, alimentam-se dos sobejos, dessedentam-se nos esgotos.

* * *

De que vale ferir as mãos nos espinhos, se podes, na cupidez, na lascívia, na luxúria, no ócio, no desregramento, sentir o perfume das rosas, degustar o paladar requintado, embriagar-te com os vinhos generosos e amortecer os teus sentidos na exaltação das paixões e dos instintos?

Por acaso Deus, se é que existe, não fez os homens diferentes uns dos outros e os colocou no mundo para cada qual usufruir o seu quinhão conforme os seus privilégios?

* * *

Se esse é o panorama, o verso da medalha, todavia, não deves esquecer que os dias não são eternos e que os minutos correm, céleres, na ampulheta a marcar o escoar do tempo. E que, a cada grão de areia que verte, se mudam os destinos, transformam-se os dias, luz e noite se sucedem e o homem percorre, na estrada da evolução, vales e montanhas, planaltos e planícies, campos verdejantes e desertos ardentes.

No caminhar infinito, quantos que galgaram montanhas não caem nos despenhadeiros?

Quantos que viviam na abundância e no fausto não se arrastam em andrajos ostentando a miséria física e espiritual?

Quantos que perderam as horas no ócio não se curvam, como escravos, a arrastar os grilhões que lhes acorrentam os tornozelos e os impedem de andar livres?

Quantos que riam e zombavam, não choram e não rangem os dentes, sufocados na angústia, no desespero e na ansiedade?

27
QUANTOS ?

NO SONO em que te deleitas, tranquilo, após as aventuras do dia, não vês nem sentes ao teu lado o corpo que tiritita de frio e geme pela ausência de alimento.

No conforto em que descansas o teu ócio, entre tapetes e almofadas, não percebes que, à tua porta, se queda, enfraquecido, o companheiro de jornada terrena que, como tu, dispõe de um corpo frágil e de um espírito em provação.

Na tranqüilidade em que te delicias, absorvo nas imagens sensuais de tua mente, ignoras que, mais além, a perambular pelas ruas, o teu irmão se perde no labirinto dos desesperos a cultivar no coração a revolta de se julgar vítima da injustiça social.

Entre coxins, cortinas e tapeçarias, descansas do teu labor diário ou perdes as horas na satisfação sôfrega dos instintos, mas esqueces que, no frio das ruas, à beira das sarjetas, ao desabrigo do tempo, a fome corrói o estômago, a sede devora as entranhas, a enfermidade estiola o organismo de teu irmão de longas peregrinações terrenas.

Deixas que o vinho e a ambrosia te embriaguem e amortecem os sentidos no abastardamento do teu espírito para que, propositadamente, não te recordes da turba que, sob a intempérie, sofre a orfandade, o luto, a angústia e o abandono.

Preferes que a ebridez do licor obnubile a tua mente para que teu coração não pulse na piedade dos desamparados.

Mais fácil que o egoísmo ornamente os teus atributos humanos fechando-te em seu círculo de auto-preservação, que ouvires os lamentos dos inválidos como o uivar dos cães nas noites sem lua.

Melhor que a vaidade te faça crescer, a ti mesmo, perante os teus olhos e aos de teus áulicos, que haveres de te imiscuir, junto à plebe para sentires os problemas dos que não têm pão, nem abrigo, nem bálsamo para as suas dores.

Pouco se lhes importa, para chegarem à meta, se hão de pisar sobre os que, à beira da estrada, procuram descansar das fadigas das longas vigílias da dor.

Não ouvem os queixumes dos que, perdidos nas vielas tortuosas dos instintos, sofrem as penas de suas deficiências.

Nada lhes atrai ou desvia a atenção porque prosseguem, como magnetizados, na marcha de suas ambições, certos de que a vitória lhes haverá de sorrir logo adiante e de que o troféu, com que hão de galardoar suas conquistas, já está ao alcance de suas mãos.

Não se julgam vaidosos nem egoístas porque, cegos na louca jornada das emoções, tudo se lhes apresenta como atitudes normais que não merecem reparos.

O mundo e a vida lhes pertencem; o sol brilha, apenas, para eles e as estrelas que marchetam o céu nas noites claras, foram feitas, apenas, para gáudio de seus olhos.

Imperam no mundo como autênticos césores, suzeranos de todos os destinos. O olhar firme, sempre para diante, caracteriza as suas ambições, a audácia e o poder.

Na realidade, há milhares assim nesse plano da vida planetária, formando uma comunidade de senhores cujo poder os arrasta para os caminhos da perdição espiritual.

Conquistam as vitórias materiais mas, a cada uma delas corresponde uma derrocada moral e a uma batalha perdida para o Espírito.

Com a mente obnubilada pelo desejo, pela riqueza e pelas paixões, olvidam que os seus tesouros não passam de ilusória posse de bens que lhes foram confiados, como simples depositários, por um prazo determinado. Esquecem-se de que chegará o dia em que os olhos se cerrarão e que tudo aquilo que lhes constitui a glória e o poder, nada mais representará além de coisas mortas, como o seu próprio invólucro carnal.

Não pensam que a estrada da vida, na matéria, não se prolonga ao infinito; que o mundo é, apenas um beco e que, logo adiante, um muro interromperá os passos e que terão de voltar, pelo caminho percorrido, se quiserem seguir até o seu destino.

Não refletem que o túmulo é a porta da verdadeira vida e que, só através dele, o Espírito poderá encontrar-se na estrada definitiva da escalada evolutiva para a perfectibilidade.

Nada disso lhes passa pela mente quando, empolgados, prosseguem na correria alucinada, mãos estendidas como garras, a derrubar e a destruir o que, à frente, lhes dificulta a chegada.

Todavia, no momento preciso, tombarão na estrada, como a árvore atingida pelo raio. Na inconsciência da morte, continuarão, no novo plano, a mesma e insana corrida na erraticidade, na busca desatinada de seus tesouros. . .

Perdidos nas trevas como o navio sem rumo no nevoeiro, atravessam os séculos na mesma busca incessante, julgando-se, ainda, vivos na matéria, mas perturbados pela incompreensão e pelo medo que os assalta e os rodeia naquela solidão sem fim.

Não raras vezes, tornam-se vítimas de agremiações de espíritos marginais, que os escravizam para os utilizar em seus desígnios de perversidade, atirando-os, inconscientemente, nos emaranhados da obsessão.

Agentes passivos do mal, sofrem as agruras do desequilíbrio do próprio psiquismo perispiritual e precipitam-se, cada vez mais, nos abismos insondáveis dos planos inferiores. E, se tudo obtêm na vida da matéria, tudo deixam no mundo transitório.

Na bagagem do Espírito, o que levam para a viagem derradeira é o peso de suas ambições e de suas vaidades que os impede de alçar os remígios para os planos elevados, arrastando-os, fatalmente, para as densas trevas das cavernas fluídicas, onde só a dor e o ranger de dentes os aguardam por prêmio de suas iniquidades.

De outro lado, aqueles que, durante a corrida no mundo da carne, ficaram à beira da estrada, mãos estendidas na esmola de um olhar, ou de uma palavra de conforto e de paz, haverão de encontrar-se, se souberem resignar-se, quando de regresso à vida eterna, nos caminhos de luz. Para eles, brilhará o sol da fraternidade em policrômicas irradiações e as estrelas surgirão, à noite, como divino lampadário a lhes marcar os rumos da libertação.

toda natureza, para discussão dos misteriosos problemas humanos da personalidade, da inteligência, da hereditariedade, da psicologia individual e de grupos, das enfermidades e da saúde, do pensamento e das contradições psíquicas. E, quando se levantam, de regresso, sobraçando longas e pesadas pastas com o entulho das mais soberbas elucubrações, o que se vê é uma turba de homens cabisbaixos, passos lentos, a mente fatigada e o corpo martirizado, carregando, na consciência, a certeza única da ignorância total.

Todavia, nos anais, o que se espelha é a vaidade e o orgulho da conclusão do NADA. . .

* * *

Por quê?

Por que o fracasso?

Por que o desânimo?

Por que a incompreensão?

Por que a sensação do vazio, da inutilidade?

Por que a ausência de definição do destino da humanidade?

Por que, se toda a Luz, todo o Conhecimento, toda a Sabedoria, toda a Verdade, está num único livro que o Mestre legou à humanidade?

Ah, se todos lessem uma página, apenas, do EVANGELHO!

e lágrimas serão, apenas, temas de histórias passadas como páginas amarelecidas de um longo e doloroso folclore. . .

26

A P R O C U R A

DEDICA-SE o homem a desvendar o mistério da terra nas escavações geológicas, procurando estabelecer, nas idades pré-históricas, quando teria surgido, pela primeira vez, a caminhar pelos ásperos caminhos do planeta.

Investigam os sábios, armados de delicado instrumental, sob a proteção de especiais indumentárias, no fundo dos oceanos, as origens da vida submarina na tentativa de descobrir os ancestrais, quem sabe, da raça adâmica, na figura mostrenga da fauna antediluviana.

Arremetem-se os homens, como astronautas, no espaço infinito, à procura das fronteiras dos mundos para afirmar, com empáfia, que só a humanidade terrena existe, num retorno quase medieval da doutrina geocêntrica.

Mergulham os cientistas nos mistérios da ciência biológica, pesquisando, na origem da vida, um jeito de estabelecer os postulados materialistas de que o homem, na complexidade de seu mundo inconsciente, representa somente uma evolução celular.

Organizam-se em assembléias, simpósios, conferências e discutem, sobre postulados filosóficos e teorias esdrúxulas de genética, que os caracteres hereditários, contidos nos genes, resultam de simples mutações de núcleos e protoplasmas sob a influência de impulsos sexuais por atrações de ordem psico-físicas.

Congregam-se sábios, filósofos, geneticistas, biólogos, parapsicólogos, físicos, químicos, técnicos e pesquisadores de

10

B A Ú V E L H O

NA ESCALADA da evolução encontra-se o homem, ainda, nos primeiros degraus, como a criança que começa a aprender as primeiras letras; contudo, não será por isso que se isentará das responsabilidades porque, na realidade, não se encontra na infância de sua espiritualidade.

Emigrando para esse orbe, vindo de outros exílios onde estagia por séculos ou por milênios, mas já em grau de promoção, constitui uma comunidade de espíritos de muitas andanças e de aprofundadas experiências. O estar, porém, no ensaio dos primeiros passos não quer dizer que sejam espíritos primitivos, nos albores de sua conscientização, recém-saídos das mãos do Criador, mas espíritos recalitrantes ou empedernidos nas atitudes de moral pouco elevada.

Erguidos muitos de escalas primárias em planetas de condição inferior à Terra, aqui experimentam, ao contato com outros mais calejados nas vidas sucessivas, os primeiros ensaios de uma espiritualidade que os levará, um dia, às esferas da libertação. A esses, não se devem imputar culpas mais graves ou atitudes dolosas, eis que, como as crianças, se sujeitam ao contágio com os adolescentes já de mente pervertida. Poucos são, porém, os que se encontram nessa situação, aglomerados, ainda, em tribos remanescentes, no seio das florestas, mas já sob a ação ambiciosa dos que se dizem civilizados.

A maioria, no entanto, constitui a coorte dos renegados, dos que, de milenares vivências, continuam nas trilhas do erro e dos vícios, envoltos nas trevas espirituais, submersos nas camadas da moral lodosa.

Aqui, aportaram por dezenas e centenas de vezes, no retorno à matéria, por mercê de Deus, que atende, sempre, aos apelos de seus filhos aflitos no torvelinho das angústias e nas borrascas da dor. E dá-lhes, ainda, por acréscimo, como suporte de forças para atravessarem os mares turbulentos das encarnações, a bênção do esquecimento para que possam, pelo livre arbítrio, e

com plena consciência do novo aprendizado, vencer os obstáculos da vida material.

Empolgam-se, todavia, pelos prazeres da vida, que constroem por efêmeros edifícios, como se tudo se resumisse nos momentos da fátua alegria da carne e dos instintos. E desenvolvem, dentro de si, traindo os compromissos reencarnatórios, os sentimentos da vaidade, do egoísmo, do orgulho, da cupidez, da intolerância e do desamor.

Fazem do escrínio de suas almas, que deveria guardar, apenas, os tesouros da luz divina, as gemas do Evangelho, o baú velho enferrujado de suas iniquidades, de seus ódios e rancores, senão de suas vilanias. E, depois, quando a dor lhes bate à porta, quando o desespero, como a neve que se amontoa sobre as janelas e, quando a enfermidade, como as tempestades, lhes removem as telhas do frágil casebre de madeira que erigiram sobre a areia, lamentam-se e blasfemam, mãos revoltas para o alto, nas dolorosas imprecações de almas precitas!

Que lhes resta, nesses fastos, senão as lágrimas, senão o ranger de dentes, senão o sangue que lhes poreja?

Que ajuda podem esperar do Alto se fizeram ouvidos de mercador às palavras suaves e sublimes do Divino Mestre?

Que auxílio podem esperar, se cavaram, dentro de si, os abismos em que se precipitaram nas orgias da vida física, nas funambulescas bacanais dos instintos?

Como podem esperar que suas vozes e lamúrias subam às montanhas se o eco de seus estentores se perde pelos vales das sombras em que rastejam?

Há dois mil anos o Divino Enviado lhes trouxe a luz; preferiram as trevas.

Há vinte séculos o Sublime Peregrino lhes trouxe a mensagem da libertação; preferiram os grilhões que os prendiam a César e gritam, na turba alucinada, sob o olhar temeroso de Pilatos e o sorriso cínico de Caifáz, pelo nome de Barrabás.

Rasgaram-Lhe as vestes alvas e puras e fustigaram-Lhe o corpo imaculado. Infamaram-No e injuriaram-No, coroaram-No de espinhos e O pregaram na cruz como a um criminoso vulgar.

que denuncia o atavismo que marca o seu espírito: é a essência divina de que é formado que vibra, incessantemente, num processo de transformação espiritual, forjando-lhe o caráter e o mundo moral.

A luta, pois, não é só exterior, nas esquinas do mundo, nos atalhos da vida material, nas encruzilhadas dos destinos; a luta principal, a mais importante, a que possui o verdadeiro caráter de epopéia, trava-se no interior do espírito, nos subterrâneos da consciência.

O conflito do espírito e da matéria, arrasando-o no lamaçal, agrilhoando-o nos porões dos instintos, encarcerando-o nas paixões e nos solertes sentimentos, torna-o fatigado e, tantas vezes, sem capacidade de reação.

Ruge a matéria como monstro hediondo impelindo-o para os espinheiros e para o precipício.

Queda-se o espírito em estentores, na agonia, a suplicar forças e luz para livrar-se das trevas e das dores.

A grande batalha atravessa os tempos em alternativas de derrota e vitória.

Todavia, como o espírito é imortal e seu destino é atingir a perfeição moral pela purificação interior, dia haverá em que a bandeira, embora esfrangalhada pela luta, será desfraldada no alto da montanha, com o mesmo simbolismo da cruz no cume do Gólgota: a vitória final do espírito e a sua libertação da matéria.

Há, pois, uma esperança de que a luz, deixada pelo Cristo em sua Boa-Nova, não se apagará jamais e iluminará o homem na sua luta pela conquista de si mesmo, clareando-lhe os passos no roteiro do Reino do Céu.

Há uma esperança de que o homem, vencidas todas as etapas da odisséia, se encontrará no caminho da libertação pelo conhecimento da Verdade.

Há uma esperança de que, finalmente, o planeta na sua marcha evolutiva para os tempos da regeneração, venha constituir-se como abrigo e pousada para os espíritos redimidos na sua eterna peregrinação para o Reino da Luz.

Há uma esperança de que se instale aqui a Fraternidade do Cristo — a Mansão da Paz e do Amor — onde dores, sofrimentos

se espraia, em sons indefiníveis, pelas campinas do Universo?

* * *

Ah, irmão, se nada disso te sensibiliza; se nada vê e nada sentes na sucessão dos instantes em que o Senhor se manifesta pela eternidade afora, então é porque, como a figueira seca no caminho de Betânia, teu coração e teu espírito, áridos de fé e de amor, sem raízes e sem seiva, necessitam que o tempo transcorra, por muitos séculos ainda, para que, neles, surjam os primeiros rebentos. Necessário que renasças em novas terras; que novos lavradores cultivem o teu solo; que novos ventos soprem em tuas folhas ressequidas. Então, quando puderes perceber, dentro de ti, a transformação interior, haverás de ouvir a música da vida nova que regurgita em teu ser e reconhecerás, pela fé, que despertará em teu coração, que, espírito imortal destinado à perfeição, cumpre resplendam em ti, em todas as fibras, a luz e o calor do Cristo em manifestações de Amor Universal.

25

VITÓRIA DO ESPIRITO

NA LUTA que o homem trava dentro de si e que constitui a odisséia de sua libertação, as quedas sucessivas marcam as etapas dolorosas de suas derrotas; todavia, quando vence as batalhas das paixões e dos instintos, pela renúncia, pela humildade, pelo perdão e pela modéstia, essas vitórias assinalam que os degraus da escalada infinita vão sendo galgados, aos poucos, e que um dia, como o Cristo no Gólgota, após as quedas sob a cruz, poderá fitar o Alto e alçar o vôo definitivo para a integração no Pai.

Em que pese aos erros, às culpas e aos enganos, esse caminhar pelos milênios, por estradas adustas, representa que o homem, no ímo de sua consciência, é impulsionado por uma força interior

Gargalharam, embebedados, enquanto o suor de sangue Lhe escorria pelo rosto. E dessedentaram-No com vinagre enquanto, mais e mais, Lhe trans-fixavam as chagas com as lanças da impiedade. E, agora, transcorrido o tempo, esquecidos das divinas lições, eis que, de novo, se encontram na liça, na vida da matéria, carregando a própria cruz, sem que nenhum Cirineu lhes corra em auxílio.

As trevas os envolvem, mas a Luz está aí.

A estrela continua a brilhar sobre o monte a apontar os rumos da escalada. Necessário, apenas, que ergam os olhos para o céu, mas não em imprecizações, senão em preces de perdão, de remorso e arrependimento, para que um dia, aos ouvidos moucos, se faça soar a melodia da paz e, aos olhos cegos, se clareie a luz da liberdade.

Caberá, todavia, ao próprio homem livrar-se dos próprios grilhões que os atam, pés e mãos, para que inicie os primeiros e definitivos passos na estrada evolutiva, braços e mãos estendidos para o Alto, como em busca da estrela que cintila sobre o monte; a estrela que, jamais, se apagará, porque é o farol que o Cristo deixou à porta de Seu Reino, a indicar, aos mansos e humildes de coração, que ali é uma das Moradas de nosso Pai.

11

QUE FIZEMOS?

QUANDO a penumbra da noite, que se anuncia, começa a envolver-nos o corpo fatigado, cumpre se ergam os olhos para o céu; o trêmulo cintilar das estrelas nos faz recordar que o tempo não se finda e que as horas encerram um ciclo na interminável marcha da vida.

É o momento de meditarmos sobre os nossos cansaços, as nossas responsabilidades, as nossas tarefas.

Que fizemos desde que o sol surgiu, no cimo da montanha, até que as estrelas, na penumbra suave do crepúsculo, nos advertiram de que a noite é chegada?

Teríamos cumprido a nossa tarefa atendendo ao convite do Vinhateiro, à primeira hora, para o cultivo da terra? Ou aguardamos, ociosos, pela undécima hora para, apenas, reclamarmos da paga do salário?

Teríamos sido os últimos ou os primeiros a chegar à herdade do Senhor?

* * *

Certo que os nossos passos na jornada terrena, nem sempre, pisam sobre pétalas de rosa; mas, freqüentemente, sentimos que os espinhos nos dilaceram a carne.

Certo que, nem sempre, o sorriso se nos aflora aos lábios e que poucos são os instantes felizes que desfrutamos em meio às amarguras que nos sufocam o espírito.

Certo que, nem sempre, as nossas lágrimas são de alegria pelos diminutos momentos em que gozamos de paz no decorrer da vida terrena.

Mas, se os espinhos, as amarguras e as lágrimas são os nossos companheiros mais assíduos na longa marcha das vidas sucessivas, de quem a culpa, se o Senhor nos dá, sempre, a oportunidade da renovação espiritual, a cada minuto e a cada hora, na magia luminosa do tempo que flui na corrente do Infinito?

Não vês que o fulgor do sol já não é o mesmo de minuto atrás? Que o calor já começa a fecundar o solo; e o vento e a brisa transportam, de flor em flor, o pólem de onde surgirá o fruto que nutre e alimenta o homem; e as aves que riscam o céu em festas de amor e de música?

Não sentes, também, despertar dentro de ti essa força misteriosa que impulsiona as coisas e os seres para o concerto da vida?

Não sentes regurgitar, dentro de ti, como a circular em tuas veias, o impulso da seiva que vitaliza as células de teu corpo e de teu espírito?

Não ouves o rumor da vida multiplicando -se em teu ser na transformação de tua substância material?

Não percebes que tudo é energia e movimento; que tudo é luz e sinfonia; que as flores, os frutos, as aves do céu, as águas do regato, o orvalho e as crisálidas, tudo faz parte da infinita orquestra da criação?

E que tu mesmo, na tua inércia, na tua angústia, na tua ansiedade, no teu desespero e na tua dor, fazes parte desse concerto divino que

Sem Ele não há rumo.

Sem Ele o homem se perde em suas próprias trevas, emaranha-se no torvelinho dos sentimentos desconstruídos, caminha por vielas e veredas e se sufoca no ódio, na angústia, na dor e no sofrimento.

Sem o Cristo a humanidade estagia na barbárie, como nos pródromos da civilização, e retarda a sua marcha para a espiritualização por tantos milênios quantos levou para chegar ao nível atual. Cada um, por fim, culpado por seus próprios erros — mas que se refletem na coletividade — receberá conforme as suas obras e o seu merecimento.

24

LUZ E SINFONIA

OUVE, irmão, a voz que te chama para a jornada do Senhor! Desperta o sol na montanha, transforma-se a madrugada em luz, cintilam, iridescentes, as trêmulas gotículas do orvalho.

Começa, em toda parte o ruído da lavoura.

Explode a vida no interior da semente que germina no seio da terra.

Evola-se o perfume da manhã na essência das flores silvestres.

Apura-se, no quimismo dos vegetais, o sabor dos frutos que amadurecem.

Ouve-se o riso cristalino dos regatos entre os seixos e o frescor das águas puras invade as margens ribeirinhas onde crescem, humildes e coloridas, as sempre-vivas como pingos de tinta caídos, aqui e acolá, da palheta dos pintores misteriosos das manhãs.

Não sentes, irmão, que tudo se renova, de minuto a minuto, que tudo se transforma a cada instante?

Vemos que o sol se ergue a cada dia e que as estrelas nos espreitam a cada noite; o primeiro, como o senhor da vinha, que nos vem convidar para o plantio das terras, hora por hora; e as estrelas, como as eternas vigilantes que nos acenam com suas luminárias ao fim da jornada, como a marcar, com pedrinhas de luz, a nossa estrada de retorno ao lar.

É nessa hora que devemos meditar: que fizemos de bom e de útil ao nosso semelhante? Enxugamos algumas lágrimas? Estendemos a nossa mão ao aflito?

Amparamos a alguém que necessitava de auxílio?

Demos alguma palavra de conforto e consolo ao desesperado e ao que se revolvia na angústia?

Trouxemos algum alívio ao que se contorcia de dor?

Pacificamos os violentos e trouxemos o bálsamo da paz ao revoltado?

Levamos a compreensão ao desiludido e a luz ao que tateava nas trevas da ignorância?

Demos de comer ao faminto, de beber ao sedento?

Vestimos os nus e demos teto ao desabrigado?

Ou, ao contrário, lapidamos, a pedradas, no julgamento insensato, ao que, por falta de orientação, foi caluniado e injuriado? Ou deixamos que a fome destruísse, por inanição, ao que não possuía o que comer e a sede requeimasse as entranhas do sedento? Ou, ainda, que o desabrigado e o nu perecessem de frio; o desiludido e o desesperado pusessem termo à vida, vencidos pela revolta e pela descrença?

Que fizemos de nossas horas do dia enquanto o ciclo inexorável do tempo se cumpria segundo a segundo?

* * *

O corpo está cansado, o espírito fatigado e o coração oprimido. Todavia, nada construímos, nada edificamos, nada plantamos. E é por isso que o corpo está cansado, o espírito fatigado e o coração oprimido: porque nada martiriza mais que a ociosidade e

a ausência de luta na conquista de nossa evolução e nada deprime mais que a falta de amor.

Quando chegam as estrelas é a hora da meditação e do nosso próprio julgamento.

A vida se escoia, minuto a minuto, e é necessário que estejamos sempre prontos a nos apresentar ao Senhor da Vinha para receber o salário da jornada. E, mesmo que tenhamos sido os últimos a ser chamados, não importa; desde que estivemos à disposição do Vinhateiro, o nosso salário é o justo. E, necessariamente, seremos os primeiros no Festim das Bodas.

12

NAO É FÁCIL SORRIR.

NÃO é fácil sorrir quando a dor nos requeima as entranhas do corpo e do espírito, ou quando as lágrimas nos rolam pelas faces por estarmos envolvidos pela angústia e pelo desespero.

Se o sorriso reflete o sol que resplende em nossa alma, a lágrima, quase sempre, nos surge quando a ausência da fé envolve o nosso espírito com o frio das manhãs de inverno.

É difícil, mesmo, nesse mundo de provas em que purgamos os erros de passadas existências, suportar com fé, sem lágrimas e desesperos, o peso das amarguras e das dores.

Difícil porque não compreendemos que a existência terrena é um processo de lapidação de nosso espírito, para que um dia possamos brilhar, nas altas esferas da espiritualidade, como o diamante trabalhado por exímio joalheiro.

O espírito humano, em sua trajetória para o infinito, é como o carvão que se purifica e se cristaliza com o tempo, no decorrer dos milênios; começa nos subterrâneos, sob as pesadas e rudes camadas de terra, alimenta-se do húmus das florestas, transforma-se na absorção das energias cósmicas e emerge, por fim, à superfície, já agora rolando como seixos no fundo dos rios,

da racionalidade, abuladas pela ambição dos que, escravagistas, acenam com a bandeira da liberdade.

A turbulência toma conta dos corações e dos espíritos; a violência penetra portas e janelas nos lares; a vingança se alastra pelas ruas, pelos palácios, e corpos caem crivados pelas balas dos pelotões de fuzilamento.

Encarceram-se os que não concordam com o pensamento dos que galgaram, a golpes de sabre, as escadas do poder.

A liberdade soa, como palavra apenas, em todos os- recantos, mas os homens continuam presos às suas utopias, porque o que lhes dá o suporte filosófico é o egoísmo e a vaidade — formas negativas de destruição de todos os valores humanos, morais e espirituais.

De tudo, o que se vê é um caudal humano que prossegue, na sua marcha inglória, entre gritos de desespero e lágrimas de desencanto, para o final dos tempos. . .

* * *

As trevas continuam a sufocar a luz, embora a esperança, que se acende em alguns corações, de que o Cristo reinará, como prometeu, sobre a Terra.

E tudo, por quê?

Por que a mocidade se revolta na obra da demolição de todos os valores?

Por que a juventude em desespero à procura de um caminho que não sabe para onde?

Por que o temor dos que detêm o poder? Por que essa luta, esse desespero, esse sofrimento coletivo?

* * *

A resposta é simples e não exige profundas cogitações filosóficas nem longas teses de psicologia social.

A resposta está na ausência do Cristo nos corações dos homens.

Sem Ele não há luz.

Sem Ele não há equilíbrio.

Sem Ele não há amor.

23

AUSÊNCIA DO CRISTO

FAZ-SE A CAMPANHA da educação, em longos planejamentos, para que os jovens compreendam que a conquista do mundo deve basear-se, na mais moderna tecnologia pedagógica, no espírito da pragmática: não perder tempo em cogitações que não representem um resultado imediato e positivo.

Programa-se para a mocidade um estatuto de bom-viver, alardeando que as coisas da matéria devem sobrelevar-se às do espírito, eis que a civilização necessita, antes de tudo, de normas práticas que possam solucionar os seus angustiantes problemas de ordem material, estru-turando-se o campo econômico e o científico em sistemas de adequado equilíbrio.

Convoca-se a assembléia dos doutos para que, sem alienação dos princípios que formam a atual estrutura sócio-econômica, se encontre solução para as graves crises da moral e da família.

Debatem-se problemas de toda ordem nos parlamentos, nas sociedades internacionais, nos congressos em busca de um panorama para a humanidade, de tal forma que os interesses controversos se conciliem, mas sem abdicação dos resíduos da vaidade e do orgulho que ornamentam as armas e os braços.

Reúnem-se os responsáveis pelas nações e pelos povos para a discussão das divergências enquanto, ao mesmo tempo, fomentam o fabrico das armas que irão destruir, a troca de ouro, os lares e os campos dos irmãos que têm assento nos mesmos congressos e parlamentos.

Agita-se, em nome da nova geração, o poder dos velhos e dos anciãos, acoimando-os de decrepitude e de incapazes para a solução dos novos problemas.

Desfilam, nas ruas, bandeiras desfraldadas, as turbas sob falsa mística, agitando os punhos e sacudindo os braços em ameaças e violências na disputa da razão e do direito.

Nas cidades derrama-se o sangue dos que não comungam com as idéias dos detentores do poder; nas selvas, que ora surgem no panorama político, digladiam-se as criaturas, ainda na infância

ou revolvendo-se na lama dos barrancos. E, quando penetra no reino da racionalidade, transcorridos os milênios, nas etapas evolutivas, passando de simples mineral pelos reinos vegetal e animal para atingir o estágio humano, traz, dentro de si, as multimilenares experiências adquiridas no longo e exaustivo processo do transformismo-evolucionismo.

Revestindo as várias formas biológicas das espécies, o princípio vital vai adquirindo a sua conscientização na evolução do psiquismo que já se manifesta, primário, ainda, na sensibilidade do vegetal, no instinto do animal e, por fim, no espírito plenamente individualizado do homem primitivo. É nessa etapa que começa o interminável carreiro da dor, porque é só na condição humana que surge o livre arbítrio como característica da escala final da criação. E, com o livre arbítrio, a responsabilidade.

* * *

Dor e sorriso, pois, são os últimos reflexos do burilamento espiritual; o primeiro nos mostra, ainda, as impurezas que remanescem, acumuladas, através dos tempos; o segundo é como o raio de sol nas manhãs de primavera a reverberar, como luz iridescente, nas gotas cristalinas do orvalho.

Eis por que é difícil sorrir quando a dor nos faz vergar sob o peso de nossas culpas e quando as lágrimas nos sulcam as faces por estarmos envoltos em angústias e desesperos.

É preciso que estejamos interiormente burilados, que nossas arestas estejam cinzeladas, que o buril do Evangelho aprimore a nossa forma, sem o que não poderemos fulgir como as estrelas, mas continuar, como simples carvão, nos subterrâneos da matéria rude.

Dor e sorriso, duas etapas do espírito humano; ponto de partida para a exaustiva caminhada ao cimo da montanha e ponto de chegada ao Reino do Pai, onde o Cristo resplende em toda a Sua Glória de Sol Cósmico.

DESFILÉ DE SOMBRAS...

ERGUEM-SE, a cada passo, os abismos em que se precipitam os que não possuem a consciência evangelizada pela Palavra do Senhor.

Denso espinheiro se estende diante dos que não possuem o coração iluminado pela fé.

Lágrimas e amarguras pesam sobre o espírito dos que não conhecem a esperança e não praticam a Caridade.

Muitos há que sentem, dentro de si, o vazio da descrença porque não encontram, em derredor, quem lhes estenda a mão num gesto de amor e de renúncia de desprendimento e de paz.

Muitos há que palmilham, em solidão, as estradas do mundo, envoltos no frio silêncio interior, porque não lhes socorrem, para abrir-lhes a compreensão e o entendimento, as palavras de sabedoria e da confiança que transcendem do Evangelho.

Marcham, solitários, em busca de apoio e não encontram o arrimo da fé que lhes poderia iluminar a estrada e aquecer o coração combalido.

Caminham na expectativa de que uma voz se faça soar, de repente, a indicar-lhes os rumos da fonte onde se dessedentarão e do teto onde se abrigarão das intempéries; assustam-nos as tempestades da alma com o zunir da ventania de consciências culpadas.

* * *

É uma coorte infinda essa, de espíritos que demandam as regiões do Além e se encontram perdidos na imensa campina, como assustados emigrantes desembarcados dos porões de navas clandestinas nas praias desertas.

Espíritos anônimos, sem o passaporte do Evangelho que lhes abriria as portas da nova terra, desfilam, temerosos, como legiões de esfarrapados e famintos, tateando nas trevas da ignorância; arrastam os passos, pesadamente, como se grilhões

Cumpra que, macerado pela dor, fustigado pelo sofrimento, vergastado pelas decepções, faça germinar em seu espírito a semente do Amor para que, um dia, como árvore copada, a sua sombra se estenda pelos ínvios caminhos que tem a percorrer e pelas rudes estradas de suas peregrinações.

Cumpra que, não mais ignorante de sua condição de espírito em estado de evolução, penetre no mistério da criação pelo conhecimento adquirido nas etapas experimentais da vida na matéria.

Cumpra, finalmente, que, incorporando ao seu patrimônio espiritual os tesouros do céu, consubstanciados nas verdades evangélicas pregadas pelo Cristo, se liberte o espírito humano do cárcere planetário e vença a sua própria batalha, ressurgindo das trevas como o sol no romper das manhãs.

Quando chegar esse dia, de que já se ouvem os clangores das trombetas, terá, finalmente, lugar o Juízo Final com a volta do Cristo para receber aqueles para quem se foi a fim de preparar-lhes um lugar ao lado do Trono do Senhor.

Todavia, mister se faça, até lá, que o homem, no seu caminhar, encontre, a guiar-lhe os passos, as pequenas estrelas das virtudes cristãs.

Aglomeradas no fim da jornada, essas estrelas formarão o infinito estendal de luz que iluminará a entrada do homem no Reino do Céu.

22

A GRANDE LUTA

NO PROCESSO de evolução a que o espírito humano está submetido, apuram-se, na dor e no sofrimento, os atributos que o farão, um dia, brilhar como o sol nas altas esferas da espiritualidade. Todavia, esse cadinho de purificação, que constituem as vidas sucessivas, em que o livre arbítrio sofre os reflexos da lei de causalidade, há que se levar em conta que, nem sempre, pode o espírito escolher o roteiro certo.

Caminhando em tortuosas vielas, na obscuridade da ignorância, sob o impulso de instintos incontrolados, fatores os mais diversos se congregam para dificultar-lhe o acesso às escalas superiores, onde a libertação o espera pelo conhecimento da Verdade.

Manifesta-se aí, em seculares e milenares porfias, o grande embate das forças antagônicas ao Cristo. A luta das trevas contra a luz, o embate das paixões e dos instintos, numa cruzada de dores e sofrimentos, fazem com que o espírito humano se envolva na odisséia da evolução e, não raras vezes, tombe, exausto, como o soldado ferido na luta inglória. Entretanto, a esperança continua a fremir nas almas combalidas, porque, apesar de tudo, há um incontido anseio de perfeição, oriundo da própria essência de que é formado o espírito — essência que é oriunda de Deus e que, um dia, Nele haverá de se integrar, quando de retorno ao Pai.

Essa esperança constitui o impulso imanente do Espírito para o Alto. É nela que, inconscientemente, se apóia para cumprir as tarefas de seu destino no ciclo das reencarnações, embora, tantas vezes, o erro se apodere de sua consciência por inspiração inferior de forças negativas, retardando a marcha triunfal.

Cumpre, porém, que o homem não se deixe abater, nem que o desespero o sufoque, nem a revolta o prenda aos grilhões da dor. Cumpre que, transcorridos já os séculos necessários desde que o Cristo legou a Boa-Nova, se aposse o homem da Verdade e acenda, dentro de si, a luzerna que dissipará as suas trevas interiores.

lhes prendessem os pés ao solo, enquanto a distância se alonga, sem limites, na peregrinação incerta.

Aglomerados, são como sombras isoladas que não se vêem, não se tocam, não se sentem, não se ouvem; parece a cada um estar só, em abandono, largado, de repente, na imensidão infinita.

Muitas vezes gritam, angustiados, na esperança de que alguém lhes venha em auxílio.

A voz se perde na multiplicidade do eco e se apaga, por fim, no silêncio dos abismos.

Nem uma luz, nem uma brisa, nem um perfume, nem um som. E a multidão que não se vê, não se toca, não se sente, prossegue na marcha infausta — para onde? — como a turba de precitos, balda de esperanças, de fé, de amor, as mãos vazias, os pés cansados, as mentes oprimidas. Deixa, apenas, atrás de si, as fortes pegadas da marcha sinistra da dor e do desespero.

* * *

Assim é a maioria absoluta dos espíritos que, pela morte física, aportam na outra margem da vida: clandestinos envoltos em trevas que hão de retornar ao mundo da carne, tão-logo se encontrem exaustos da inútil caminhada, para que adquiram, pelo trabalho, pelo amor, pela humildade, em novas existências terrenas, o direito de regressarem à pátria definitiva, com passaporte permanente, para uma nova era de luz e de paz. Só a fé dá a esperança, desperta o amor e semeia a Caridade. E só a Caridade, iluminada pelo Evangelho, abrirá as portas da vida eterna e libertará o espírito do cárcere das reencarnações.

ESTÁ havendo como uma inversão de valores morais e espirituais. À medida em que transcorrem os tempos, infelizmente, o homem, ao invés de erguer-se da lama e de libertar-se do subterrâneo dos instintos, mais e mais, mergulha no mundo das paixões e se deixa enredar nos meandros dos desejos e das emoções, perdendo-se no labirinto dos erros e das culpas.

Poucos são os que conseguem sobreviver aos reclamos da matéria, eis que a força da vaidade e do orgulho os enleia e os tolhe em seus dédalos; perdem-se nas trevas e na ignorância, deixam-se sufocar pela dor e pelo sofrimento.

A maioria submerge, perdida no torvelinho dos sentidos e afoga-se, como nas fortes correntes dos rios, nos redemoinhos da insânia.

Os que pregam a palavra de Deus, trazida aos homens pelo Cristo, são espezinhados e ridicularizados, tidos como débeis mentais. Atiram-lhes a pecha de loucos, eis que, no mundo em que vicejam a maldade e os baixos sentimentos, não há lugar para o Amor e para o Perdão, para a Caridade ou para a Tolerância.

Invertem-se, dia a dia, os valores morais e espirituais, fazendo com que prevaleçam a ambição, a cupidez, a luxúria, o ciúme e a inveja, de tal sorte que a modéstia, a humildade, a pureza, o desprendimento e a compreensão constituem, não virtudes, mas apodos infamantes, que a tirania do Mal faz coroar, como espinhos, a cabeça dos que, movidos pela chama da Fé, procuram divulgar, em Espírito e Verdade, os ensinamentos do Cristo.

* * *

Todavia, nem sempre será assim.

Auguram-se para o mundo, em dias vindouros que não hão de demorar, tempos de paz, de luz, de amor e de harmonia.

Chegarão os dias em que a humanidade, expurgada dos vícios e dos erros pelo exílio dos espíritos recalcitrantes, entrará, verdadeiramente, nos primeiros caminhos para o Reino do Senhor.

Qual será o jugo que Ele promete em substituição aos grilhões que os prendem ao lamaçal do desespero?

O fardo, por ser leve, não exigirá, por certo, grandes sacrifícios nem grandes esforços, eis que, não se situando na matéria, mas no mundo moral em que sobrevive o Espírito, estará conforme as forças de cada um. O fardo será o da Caridade e o jugo a obediência aos preceitos do Evangelho, onde a Fé reponta como o farol que ilumina as estradas do Infinito.

Aquele, pois, que se submete aos ensinamentos da Boa-Nova, que ouve e aceita o convite do Mestre, esse não verterá lágrimas nem terá o ranger de dentes porque, isento das dores e dos sofrimentos, terá conquistado, pelo Amor e pela Fé, a sua própria libertação.

A angústia marca-lhe os passos na senda do cotidiano.
Os anseios afinam-lhe os desequilíbrios psíquicos e emocionais.
Rondam-lhe a estrada a revolta e a impiedade.
Retornam, como antes, as trevas interiores.
Imerso na ignorância, julga-se perdido no dédalo de pensamentos desajustados.
Atira-se à prática dos desatinos, desenvolve os sentimentos do egoísmo, da vaidade e do orgulho.
Torna-se áspero e intolerante para com os companheiros de jornada e, não raro, cria inimigos que, mais tarde, plantarão dentro de si os espinhos da amargura.
Torna-se surdo aos apelos da razão e aos reclamos dos sentimentos altruístas e segue, como sombra cambaleante, pelas veredas rudes, o andar trôpego, as faces encovadas pelo sulcar das lágrimas, o coração enregelado pelo frio da solidão.

* * *

— "Vinde a mim vós que andais em sofrimento e estais fatigados e eu vos aliviarei. . ."

A voz ecoa pelas dobras do Infinito, século em século e se propagará, pelos milênios, como o sublime apelo do Pai ao filhos transviados, a expressar-se na doçura e no carinho que envolvem de luz o coração do meigo Nazareno.

E, continua o Mestre, com tristeza nos olhos, com melancolia na voz:

— ". . . porque o meu fardo é leve e o meu jugo é suave!"

O convite do Mestre, porém, não lhes chega ao espírito sofrido; não têm capacidade de perceber que a luz está à sua frente e que a Mão Divina se estende para os amparar.

Bastaria, no entanto, que erguessem os olhos do chão e os volvessem para o Alto onde o Cristo, com sua mansuetude, os chama para o bálsamo de suas dores.

* * *

Qual será o fardo que o Mestre reserva aos homens em sofrimento para trocá-lo pelo que carrega nas milenares existências através dos tempos?

Os sorrisos substituirão as lágrimas; a harmonia sucederá ao desequilíbrio; a fraternidade tomará o lugar dos ódios e a paz, finalmente, imporá o seu silêncio ao-troar das guerras.

Será como uma nova primavera depois de longo e tenebroso inverno, quando flores e perfumes, músicas e cânticos, sucederão aos da s feios, nevoentos, ao clamor e ao ranger de dentes, às dores e aos sofrimentos.

Entretanto, até que os Novos Tempos surjam, haverá lutas, sangue, orfandade, na destinação comum das grandes tragédias.

Se o homem, porém, se capacitasse, a tempo, de que o seu destino imortal é caminhar para a perfeição, abreviaria a longa e áspera estrada pela reformulação de seu próprio espírito, fazendo-o mergulhar no batismo da Paz e do Amor.

Se o homem compreendesse que a sua libertação depende, apenas, do repúdio aos vícios e às paixões, substituiria os sentimentos de improbidade, a lascívia e a impureza pelas virtudes pregadas pelo Cristo, alçando-se, assim, em breve, às planuras luminosas do Infinito para novas incursões nas Moradas de Luz, onde reina o Pai.

Se o homem compreendesse que é o atavismo da animalidade que o prende aos charcos da matéria grosseira, haveria de sentir, dentro de si, os anseios da espiritualidade que o tornarão, um dia, espírito livre, plenamente conscientizado de seu destino — e, então, com a chama da Fé a arder no coração, com a luz do Amor a aureolar-lhe a mente, estaria pronto para integrar-se no mundo angelical, lá onde habitam os que crêem, os que amam, os que são humildes, os que são puros, formando a coorte do próprio Cristo.

Se o homem, afinal, soubesse que é, apenas, homem e não deus, poderia, com as vibrações sublimes do Evangelho, deixar de ser homem para ser Espírito Puro e transformar-se, um dia, na essência do Cristo!

15

RESTA UMA ESPERANÇA.

ESCRAVO de seus instintos e de suas paixões, ainda no estágio da animalidade superior, não se apercebe o homem de seu destino privilegiado de residir, um dia, no Reino do Pai por prêmio de sua ascensão na escala evolutiva.

E, por mais que se acene com as verdades evangélicas, por mais que se ilumine o seu peregrinar com a luz que a Palavra do Mestre nos legou por testemunho das verdades eternas, continua preso às injunções da matéria, rastejando nos planos escuros, mal respirando, em haustos sofridos, a atmosfera pesada que lhe pesa sobre os ombros.

Não ouve as vozes que lhe falam do Reino da Luz; não vê a claridade, que se abre no Infinito, quando as vibrações do Cristo pela mensagem de seus arautos, iluminam os cimos das montanhas como o sinal da libertação; não sente pulsar, em seu coração, as emoções sutis, que emanam dos planos espirituais, enviadas pelos Espíritos Mentores para acordar-lhe no imo os sentimentos da paz, do amor, da caridade, do perdão e da benevolência.

Todavia, não descansam as hostes do Cristo na luta incessante de mostrar que os caminhos da salvação se cruzam, a cada momento, diante de seus passos e que o Senhor espera, ansioso, como o pai que aguarda a volta do filho pródigo que lhe bate à porta.

— Batei e abrir-se-vos-á; pedi e dar-se-vos-á — disse o Mestre, como um eterno convite ao abrigo das intempéries, ao agasalho da solidão, ao carinho do desconsolo e do desespero, ao aconchego do frio das inóspitas planícies.

até atingir o cume da montanha, lá onde nasce o sol e de onde se derrama a luz para a planície; lá, onde as estrelas brincam de pegar; lá, de onde a lua esparge, pelos vales, a fria luminosidade e de onde, como a eterna monja silente, inicia, todas as noites, o suave caminhar, envolta no hábito de prata. . .

Lá, no alto da montanha, onde paira o Espírito de Deus, haverá o homem de encontrar-se, um dia, despido das misérias humanas, integrado na pureza transcendente do Espírito.

* * *

Essa é a nossa esperança e, só por isso, nós, que já atravessamos essa fase dolorosa da ascensão humana, envoltos nos mesmos erros e vítimas das mesmas quedas, deixamos de chorar e sorrimos plenos de fé. Porque sabemos que o destino do espírito é ser perfeito como o Pai é perfeito e gozar, por fim, de todas as bemaven-turanças junto com o Cristo, no Seu Remanso, integrado na Família Divina, como o filho pródigo que retorna ao lar.

21

O CONVITE DO MESTRE

QUANDO na erraticidade, o Espírito, envolto nos mantos das trevas, preso de agudas aflições, macerado pela angústia, isolado em um mundo estranho, suplica pela bênção de uma encarnação onde o benefício do esquecimento o fará suportar com mais equilíbrio as provas e as expiações a que está sujeito por depuração das faltas e dos erros seculares.

Todavia, não raro esquece os compromissos assumidos e ei-lo que se encontra, novamente, enredado nas mesmas teias do passado, preso às mesmas armadilhas dos instintos, afogado nas mesmas paixões.

Retornam-lhe, em conseqüência, as dores e os sofrimentos. O desespero bate-lhe, de novo, à porta.

Por que não ouviu o homem, ainda, a voz do Cristo que, há dois mil anos, reboa, como infundável eco, pelos recantos do mundo?

Por que não percebeu, ainda, na cegueira que o envolve, a luz pura e diáfana que se derrama dos olhos do Mestre?

Por que, como Saulo, não descobriu o homem de hoje a sua estrada de Damasco e não caiu, genuflexo, diante do Senhor?

Por que prefere, apesar de toda evidência, submergir-se nos mares revoltos da descrença e deixar-se dominar pelas forças inferiores, que o arrastam para as profundezas da matéria?

Procedente de um ciclo evolutivo que se perde na memória dos tempos, prisioneiro de todas as formas até galgar o reino da racionalidade e da inteligência com o despertar do espírito, parece interromper, agora, essa marcha sublime e heróica e cair, exausto, na estagnação, surdo às vozes da própria consciência.

A longa travessia faz com que dobre os joelhos e, como o camelo nas areias escaldantes do deserto, espera que o tempo passe, o olhar parado, enquanto o simum o envolve pela tempestade de areia, abrindo-lhe cicatrizes e chagas no dorso em desabrigo.

Chegam, por fim, a noite, o frio e a solidão martirizando-lhe as feridas. Mas, como o camelo do deserto, continua o homem cego e perdido, ausente de si mesmo, o olhar desvairado diante da imensidão infinita que se estende a seus pés e reinicia a marcha, seguindo as pegadas e os rastros da caravana que, antes dele, cruzou pelo mesmo areal. . .

* * *

Todavia, mesmo que prossiga surdo e cego, ferreteado pela dor e pelo sofrimento, as pernas trôpegas pelo caminhar infausto, as mãos atadas pelos grilhões dos instintos, o soluço da angústia embargando-lhe a voz e os olhos obnubilados pelas lágrimas, haverá, um dia, de sentir, dentro de si, que alguma coisa se edifica e se constrói, que alguma coisa se levanta e o faz erguer, num impulso, para outros rumos.

A força imanente de sua própria imortalidade haverá de acordá-lo para novas manhãs e novas madrugadas. A energia latente de seu espírito fa-lo-á movimentar-se, por fim, para novas escaladas

Mas, até hoje, permanece o Pai na espera dos filhos perdidos, sem que algum lhe bata à porta ou lhe peça o alimento do espírito. Porque, transviados pelas ínvias estradas das encarnações onde, como operários, deveriam construir o seu edifício interior, erram por séculos e caminham como nômades desgarrados nas escaldantes estradas de areia, ou nas frígidas estepes cobertas de gelo.

Não lhes socorrem a luz do sol por guia dos passos incertos, nem o refulgir das estrelas por marcos do roteiro da paz, eis que se quedam, acobertados pelo denso nevoeiro, como a neblina que desce, de madrugada, nos socavãos, nas ribanceiras e nos grotões.

Perde-se o homem nesse peregrinar sem fim, espicaçando as carnes nos rudes espinheiros, escalavrando chagas na epiderme da alma porque, vaidoso e pleno de orgulho, persiste em negar a transcendência da vida, como se fosse o espírito o enxovalho do corpo e a sobrevivência da alma, hipótese achincalhante de seus brios e de seus dotes de inteligência.

Procura, pois, o homem, em seu carreiro, fugir das verdades que lhe atemorizam a consciência, eis que, admiti-las, lhe acarretará uma soma de responsabilidades, que não lhe convém suportar. E prefere, então, enganando-se a si mesmo, enveredar pelo reino fugaz das falsidades e das mentiras, das paixões e dos instintos, criando o seu próprio mundo num pequeno círculo vicioso, limitado pelas fronteiras da animalidade.

Que lhe importa o que disse o Cristo?

Se chora e se desespera, enxuga as lágrimas com as mãos lodosas dos vícios; se a angústia o sufoca em noites indormidas, aspira, em dificultosos haustos, como o enfermo de asma, o ar denso que o rodeia; se a dor lhe acicata o corpo e lhe flagela o espírito, procura, na inconformação e na revolta, sufocar os gemidos; se a tristeza o envolve como um sudário, afiga-se na libertinagem como um processo de fuga e de engodo, em que a moral, mais e mais, se abastarda.

* * *

Esse é o panorama atual da vida humana, embora a mensagem do Sublime Enviado, há dois mil anos, como carta de alforria dos espíritos exilados.

Resta, porém, uma esperança: a de que um dia o homem desperte de sua bestialidade e ouça o som das trombetas, que anunciam a nova alvorada do mundo, eis que o Divino Pastor a nenhuma das ovelhas perderá.

Soarão os clarins da regeneração e o rebanho tresmalhado reunir-se-á num só redil, porque o Cristo estará de volta, como prometeu, não mais para ser flagelado nem crucificado, mas para estender as mãos aos que forem escolhidos. E os que preferirem, apesar de tudo, ficar à margem da estrada, moucos ao som dos clarins e das trombetas, esses quedarão cegos, em suas próprias trevas, ofuscados pela luz do Mestre, despidos dos mantos e das túnicas nupciais e seguirão, como trôpegos, famintos, sedentos e maltrapilhos, para o exílio dos mundos primitivos porque, afinal, na Terra se terá implantado, definitivamente, o Reino do Cristo como mais uma das Moradas de nosso Pai.

16

P O R Q U E ?

POR QUE, quando se abre a opção para o exercício de teu livre arbítrio, procuras, sempre, o caminho mais longo e pedregoso?

Por que, quando se apresenta à tua escolha a oportunidade de decidires sobre o certo e o errado, procuras, sempre, o caminho em que as vozes da prudência se perdem no emaranhado do espinheiro?

Por que, quando se abre para ti a porta em que debes penetrar para o abrigo das intempéries, procuras, sempre, passar adiante, o olhar voltado para os lados, como quem receia ser reconhecido?

Cumprе, pois, que te reabilites diante de tua própria consciência, porque só tu és o juiz de teus atos e de teus pensamentos e só tu podes abrir a Grande Arca onde se encontra o tesouro do céu, que o Pai deixou para os seus filhos por toda a eternidade.

Abre o teu coração e o teu espírito para o Cristo — e não mais sentirás fome, nem sede, nem frio, nem solidão, porque Ele é o Pão da Vida, a Fonte do Espírito, o Abrigo das Almas, o Sol do Mundo!

20

A L O N G A T R A V E S S I A

É DIFÍCIL, nos dias que correm, desven-cilhar-se o homem do impacto e da imposição dos sentidos, principalmente quando a atenção lhe é solicitada pelo impulso, quase incontrolável, das paixões.

A veemência dos instintos, em suas manifestações mais grosseiras, torna-o incapaz de qualquer reação e ele se entrega, então, em absoluta passividade, aos desregramentos de toda sorte.

Nessa batalha que se trava entre a carne e o espírito, entre o senso moral e os mais baixos sentimentos, não há que se distinguir entre velhos e moços. As gerações de ontem e a de hoje, em autêntica promiscuidade, caminham, de mãos dadas, ombro a ombro, os passos incertos, na mesma estrada das sombras e da vilania. O espetáculo, dos mais deprimentes, mostra-nos quão longe está, ainda, a humanidade de sua libertação eis que, por escusos caminhos da dor e do sofrimento, haverá, ainda, de peregrinar até que a luz do Cristo comece o seu dealbar, como os primeiros raios do sol na madrugada cinzenta e longínqua.

* * *

esqueceste o Pai e O expulsaste de teu espírito e de teu coração?

Não raras vezes, quando te encontras a sós e procedes ao balanço de tua vida, não consegues explicação para o "deficit" que se acumula, a cada dia, enquanto labutas, cotidianamente, com honradez e com persistência, para o ganho do pão!

Analisas os teus atos e os teus pensamentos e nada encontras passível de censura ou de reprovação que possa justificar o desequilíbrio material, que atravessas e chegas, às vezes, a te revoltar, porque o teu vizinho, que não prima pela honestidade nem pela observância dos preceitos da moral, ao que te parece, goza de todos os favores da fortuna; mas, já analisaste, à luz da doutrina cristã rediviva e purificada pelo Espiritismo, que bem poderias ter sido, em existências pretéritas, aquele que esbanjou a fortuna havida por empréstimo do Pai, pondo-se como depositário infiel?

Já pensaste que, realmente, sendo Deus de Bondade Infinita e a Suprema Justiça, não poderá, em nenhuma hipótese, premiar o faltoso e castigar o virtuoso?

Já pensaste, assim, que o teu vizinho que parece mais afortunado que tu e que dilapida os bens materiais e do espírito nas bacanais e na tirania da vaidade, do egoísmo e do orgulho, é a mesma figura do que foste ontem, o reflexo de tuas vidas passadas e que, portanto, já te encontras um passo adiante dele na escalada do progresso espiritual?

Medita sobre isso e convence-te de que, apesar de tua pobreza, de teu desequilíbrio orçamentário, das tuas responsabilidades de família, de teus dissabores e desilusões, na realidade és muito mais rico do que ele porque, havendo passado pelas mesmas provas, já te encontras, no eterno caminhar da evolução, muitos marcos além e, portanto, mais próximo do aconchego do Pai!

Dessa forma, quando te sentires só, abandonado, sem fortuna, imerso na própria escuridão, com as lágrimas a te queimarem as faces e a dor a constranger-te o coração, compreende que só tua é a culpa e que, em absoluto, não foste deserdado, mas que foste tu, exclusivamente, quem deixou o legado do Mestre.

Por quê?

* * *

Ah, irmão, se abriesses a consciência para que nela penetrasse o raio de luz, que ilumina os subterrâneos da alma nos momentos em que clamamos pelo Cristo, nos estentores da dor, então, saberias porque, desavisado, foges da porta que se abre diante de teus passos oscilantes e preferes os caminhos pedregosos, as veredas cheias de espinheiros!

Irias encontrar, no recôndito de tua consciência, em camadas sucessivas, em plataformas diversas, armazenada em gravações, como nas fitas magnéticas de hoje, a longa e triste história de tuas vidas, no perpassar dos séculos e dos milênios, que marcou, indelevelmente, o teu espírito com as cicatrizes do tempo!

Se abriesses a tua consciência, em momentos de meditação, para que nela penetrassem as vibrações, que se encontram nos registros cósmicos, haverias de ouvir o eco de tuas angústias, de teus sofrimentos e de tuas dores, como o reflexo de tua conduta nos avatares de tuas existências!

Se deixasses que teu íntimo, em momentos de recesso espiritual, se abrisse como janelas para a luz da madrugada, haverias de sentir, em meio às tuas lágrimas, o calor que vem do Cristo para a vivificação das almas combalidas no concerto da vida!

E, se não fazes nada disso, se não te deixas penetrar pela luz que ilumina os subterrâneos das almas; se não te deixas aquecer pelo calor que penetra nos espíritos como a luz que vem das madrugadas; se não ouves o eco de tuas passadas existências, nem vês o desfilar de tuas vidas nas páginas seculares da história, é porque não estás, ainda, preparado para a renovação, que te libertará das provas terrenas e das encarnações dolorosas. E, por isso, procuras os caminhos pedregosos e voltas o rosto, quando passas em frente à porta estreita que te levaria ao Reino de Deus.

Assim, pois, necessário se faz, realmente, que continues a caminhar, que vagueies, em corpo e espírito, pela erraticidade, nos planos da matéria e do mundo espiritual para que, após tanta lágrima e tanta dor, tanta provação e tanta expiação, possas, um

dia, optar com a consciência iluminada, pela Verdade, pelo Caminho que te levará, afinal, à Vida Eterna!

17

A ESCOLA

ESTÁGIO das almas em ação de aprendizado, o planeta é como uma escola em que o programa de ensino, seguindo um roteiro para cada aluno, apresenta características as mais diversas.

Na aparência o "currículo" é o mais diversificado, eis que a cada um serão proporcionadas lições conforme o seu grau de adiantamento e de formação moral; mas, em essência, os fundamentos do aprendizado são uniformes porque, estribados no Evangelho de Jesus, contém, em si, a mensagem universal do amor e do perdão, que levará a todos o Reino do Céu.

Escola em que os espíritos que aqui se matriculam, o fazem em circunstâncias as mais diversas; muitos e variados são os cursos, todos, porém, apropriados às características de cada aluno.

Eis por que a diversidade de sorte e de fortuna, a variação dos destinos, a desigualdade social, a diferença de graus de cultura e de adiantamento ou aprimoramento moral.

Há uma extensa gama de individualidades, do homem primitivo ao primário, encarcerados, ainda, nos elos dos instintos, quase sem discernimento entre o bem e o mal, como os selvagens; dos que se dizem civilizados mas, ainda, no início do conhecimento espiritual e moral, presos, todavia, às exigências da matéria, aos que, reputando-se iluminados, caminham por sendas de espiritualização, mas envoltos no manto da vaidade e do egoísmo.

Há os ricos e os pobres, abastados e miseráveis, saudáveis e enfermos, trabalhadores e ociosos, todos, porém, no mesmo

Costumas blasfemar e, freqüentemente, te revoltas quando sofres algum dissabor e os problemas de tua vida se apresentam complexos e insolúveis; mas, já te debruçaste alguma vez diante de tua consciência e meditaste na lei de causa e efeito pela qual, certamente, deves estar colhendo hoje o que plantaste ontem?

Olhas pela janela e vês, lá fora, como o sol ilumina as montanhas, os mares, o azul do céu; todavia, não encontras dentro de ti nem a luz, nem o calor, nem a vida das manhãs de primavera. Mas, já meditaste que a noite sempre antecede ao dia e que, se as manhãs são claras, belas, plenas de luz, em que o perfume das flores impregna os sentidos, entretanto, antes de surgir a aurora e o sol, o manto da noite, o frio e a solidão envolviam a terra e que o céu era uma extensa mancha escura?

* * *

Como o perpassar das horas e o desdobrar dos tempos, como a sucessão das noites e dos dias, o espírito humano atravessa os milênios e os séculos, na mesma alternativa das trevas e da luz, errando pelos caminhos, até que um dia encontrará, para sempre, a brilhar em seu interior, como nas manhãs de primavera, a luz do Cristo como o Sol Eterno.

Em confronto com os teus irmãos de jornada terrena, sempre te julgas o mais infeliz, o único deserdado pelo Pai, como se foras o filho ilegítimo, órfão de atenções e carinhos, sem o afago das mãos paternas; entretanto, não vês e não ouves as queixas dos que, a teu lado, sofrem mais do que tu e mais ainda se lamentam porque se arrastam, trôpegos e maltrapilhos, muitas vezes famintos e sedentos, por estradas dolorosas, como se também fossem esquecidos.

Formam, como tu, o cortejo dos que não souberam achar, nas dobras do espírito, o legado do Mestre nas páginas do Novo Testamento em que reluzem os tesouros que enriquecem as almas e onde se encontram as chaves que abrirão, para todos, as portas do Reino do Céu.

Como, então, te julgas olvidado e te martirizas pela tua pobreza se foste tu, como os demais que perseguem o teu carreiro, que

E, não só deixou para a humanidade o clarão que ilumina o Céu, como fertilizou a terra com o Seu Sangue e fez ecoar, por todos os milênios, no silêncio do Gólgota, no estentor de Sua Agonia, a súplica imortal para a salvação de todos os homens:

— "PAI, PERDOAI-LHES PORQUE NÃO SABEM O QUE FAZEM!"

E se, depois de tudo, ainda continuas perdido na dor e na angústia, mergulhado no sofrimento e no desespero, tateando, como cego, os espinhos na estrada pedregosa e rude que escolheste por teu peregrinar, não te lamentes nem te revoltes jamais, para que não sejas compelido a retornar, em dolorosas purgações, pelas mesmas estradas escuras e doridas, até encontrares, por fim, quando o corpo e o espírito estiverem em chagas, a Fonte Pura do Evangelho que, como bálsamo divino, haverá de curar-te.

Mas, qualquer que seja a tua escolha, lembra-te, sempre, de que o Cristo te aguarda, condoído de tua pertinácia para, quando te arrependeres de teus erros e estiveres cansado, Ele próprio vir, como o Grande e Divino Médico das Almas, lavar-te as feridas e trocar as tuas vestes, no exemplo maior de Amor e de Humildade!

19

M E D I T A E C O M P R E E N D E

RECLAMAS sempre contra a sorte avara que não te prodigaliza as moedas, que dariam ao teu ócio o conforto das horas fáceis; mas, já pensaste, alguma vez, que o dia de hoje é consequência do de ontem e que, por certo, se não desfrutas da abundância é porque já foste pródigo e perdulário nas vidas que se antecederam?

curso de aperfeiçoamento do espírito, classificados nos mais distintos planos da sabedoria, do conhecimento, da ignorância, dos predicados morais e espirituais.

Todavia, em que pese a toda essa gama, necessário se afirme que há um só Mestre, um só roteiro, um só destino: o Cristo, o Evangelho, o Reino de Deus.

* * *

Lutam os homens, como feras, na ignorância, ataviados pelos vícios que os abastardam, perdidos nos enleios das paixões.

Digladiam-se os homens na corrida infrene pelos bens materiais, esquecidos da vida transitória, como se o mundo que os cerca valesse pela eternidade.

Odeiam-se os homens na disputa das emoções e dos desejos, olvidados de que desejos e emoções os retêm nos planos inferiores como escravos acorrentados nas senzalas da dor.

Destroem-se os homens, impulsionados pela desmedida ambição do poder e da fortuna, esquecidos de que a autoridade e os privilégios impõem deveres e obrigações, responsabilidades e bom-senso que os tornam prisioneiros de si mesmos e do bem-estar das coletividades e que, por isso, haverão de prestar contas do mandato como gestores da coisa alheia.

Lutam, digladiam-se e se destroem, como seres primitivos, a mente e o espírito obnubilados pela ambição, pela vaidade, pelo orgulho, pela luxúria, pela cupidez, pelo poder e retardam, nessa angustiosa corrida, a escalada aos planos elevados do espírito, como o aluno que, por não saber as lições, há que repetir o ano, por várias vezes e tantas quantas forem necessárias para chegar ao fim do aprendizado.

* * *

Espíritos rebeldes à compreensão e ao entendimento, por não se quererem curvar às lições que o Mestre nos legou, imbuídos de um falso senso crítico, sofrem as consequências da atitude nefasta e se arrastam, nas marcas do tempo, em meio ao aniquilamento de suas virtudes, sem enxergarem que, por cima

de suas cabeças, para a Grande Luz que ilumina e aquece o Universo e aponta, para todos, o caminho da libertação.

* * *

Entre todos os seres, empenhados todos no mesmo processo evolutivo, desde a mônada, o homem é o único que, possuindo inteligência e vivendo no reino da racionalidade, repele, por livre arbítrio, o ordenamento existente e procura, ele mesmo, destruir o que não pode construir.

Eis por que sofre, por que são pedregosos e rudes os seus caminhos, por que a lágrima lhe sulca as faces e por que vertem sangue as cicatrizes de sua alma; eis por que haverá, ainda, de sentir, dentro de si, a angústia das trevas, o frio da solidão, a fome do desnutrido, a intempérie do desabrigado, a dor do estropiado.

E, no entanto, sem reconhecer a Bondade Infinita do Pai, chora e se revolta como se Deus fosse o culpado de suas mazelas!

Aí está a escola de aprendizado.

Aí está o Evangelho, fonte de amor e de salvação.

Aí está o Cristo em suas manifestações de paz e de luz.

Aí está o Pai, infinitamente bom e justo, pronto para perdoar não sete vezes, mas setenta vezes, aguardando-nos a todos para que batamos à Sua Porta.

Resta ao homem, perdido na sua ignorância e na sua maldade, rever o seu comportamento moral e espiritual, empunhar a Cartilha da Boa-Nova, renegar a "gazeta" e entrar na sala de aula para aprender as lições que, um dia, lhe abrirão as portas da libertação; terá, então, construído dentro de si, pela humildade, pelo amor, pela compreensão e pela caridade, o Grande Templo do Senhor, edificado, em seu íntimo, o Reino do Céu pela realização do Cristo Interior.

EXEMPLO MAIOR

SE TE CONFORTA andar em caminhos rudes em que os pés te sangram a cada passo, ao invés de palmilhares estradas suaves, lembra-te de que a escolha é tua e não te revoltas se a dor fizer que as lágrimas sulquem as tuas faces descarnadas;

Se te é grato prosseguir, surdo aos apelos e reclamos de tua consciência, mergulhado no charco das paixões transitórias, ao invés de apurares os sentidos para as suaves e sublimes melodias do mundo espiritual, lembra-te de que teu é o livre arbítrio e não te desesperes quando a dor te bater à porta ao ouvires os gemidos e o ranger de dentes;

Se preferes continuar perdido nas ínvias florestas de tuas trevas interiores, ao invés de contemplar a luz magnífica do sol, que enche de calor e de vida todos os reinos da natureza, recorda que tua é a decisão, quando sentires o frio e a solidão te envolverem, por vestimenta do espírito, nos escusos degraus em que te abrigarás quando retornares à pátria de origem;

Se, como o naufrago que se debate nas ondas agarrado à frágil madeira que sobrenada, preferires continuar em tua jornada terrena debatendo-te no oceano dos vícios e da degradação, não te desculpes da ignomínia pela tua morte espiritual, alegando que nada sabias, eis que, como espírito de tantas e milenares encarnações, já devias ter carta de navegante de longo curso nos mares bravios da vida material;

Se, apesar de tuas vivências nos planos da matéria e do espírito, nessa eterna viagem de sua evolução, em que aportaste por vezes sem conta nos mesmos ancoradouros, ainda não sabes como evitar os escolhos e os arrecifes, recorda que, para te salvar dos naufrágios, veio o Mestre à Terra e acendeu, em cada coração, com a Luz do Seu Evangelho, o farol que iluminará, para sempre, as noites e as tempestades, mostrando o roteiro da salvação.